

VIDA DE SANTA JOANA
FRANCISCA FREMIOT DE
CHANTAL, MÁRTIR DO AMOR
DIVINO, NO
QUADRINGENTÉSIMO
QUINQUAGÉSIMO
ANIVERSÁRIO DO SEU
NASCIMENTO
1572 -23 DE JANEIRO -2022

Revisão: Helvécio J. da Cunha e Silva

AUTORIZAÇÃO



Por este, autorizo o Mosteiro
da Visitação, situado na cidade de

Mariana, a publicar o livro
“SANTA JOANA FRANCISCA FREMIOT DE CHANTAL,
MÁRTIR DO AMOR DIVINO”, através da EDITORA CRISTO E
LIVROS.



Mariana,
09 de
julho de
2022

Dom
Airton José dos
Santos

Arcebispo Metropolitano de
Mariana

NIHIL OBSTAT

Mariana,
09.VII.2022

Dom Airton José dos
Santos
*Arcebispo Metropolitano de
Mariana ******

IMPRIMATUR

Mariana,
09.VII.2022

Dom Airton José dos
Santos
*Arcebispo Metropolitano de
Mariana*

RESIDÊNCIA
ARQUIEPISCOPAL

Praça Dr. Gomes Freire, 200 - Centro - 35420-000 MARIANA -
MG / e-mail: dajs2552@hotmail.com

Prefácio

Em boa hora as Irmãs da Visitação de Barbacena tomaram a iniciativa de lançar o presente livreto sobre Santa Joana Francisca de Chantal, por ocasião dos 450 anos de nascimento (1572-2022). Se constatamos que na Igreja, e mesmo entre os Religiosos, poucos conhecem mais a fundo o grande São Francisco de Sales (1567-1622), o Fundador da Ordem da Visitação de Santa Maria, menos pessoas ainda sabem algo da vida de sua filha espiritual predileta: Joana de Chantal (1572-1641).

Neste ano de 2022 celebramos o 4º Centenário da Morte de Francisco de Sales, o Doctor Amoris. As publicações em curso mostram, mais uma vez, a singular riqueza de sua espiritualidade e a atualidade de suas orientações para trilharmos os caminhos da Imitação de Cristo, numa época como a nossa de radicais mudanças. Joana Francisca, a Baronesa de Chantal pode ser vista como a “face feminina” de Francisco de Sales. Ela assimilou integralmente o espírito de seu orientador e o expressou num estilo marcadamente feminino.

Na sua época foi verdadeiramente “mãe e mestra” para muitos de seus contemporâneos, mas particularmente para suas coirmãs da Visitação. Entre

os dois santos cresceu e amadureceu uma amizade espiritual realmente singular na História da Igreja e na História da Vida Consagrada. Ambos colocam sua vida na perspectiva da “perfeição do amor” (Perfectae Caritatis), não no sentido de uma virtuosidade ascética, mas na amorosa realização da Vontade de Deus, no cotidiano da vida. Na espiritualidade salesiana, tão harmoniosamente integrada na vida da Chantal, o coração ocupa o lugar central. Tudo tem origem no Amor que nele também encontra seu destino final.

Joana passou pelos diferentes estados de vida: esposa e mãe, viúva, religiosa, obtendo, assim, uma rica experiência humana, vivida nas suas mais variadas circunstâncias. Teve que enfrentar não poucos desafios e contradições, provações físicas e espirituais. Foi sempre uma mulher forte e de uma fé amadurecida nas dificuldades e crises. O núcleo de sua espiritualidade, que compartilha inteiramente com seu pai espiritual, Francisco de Sales, é o total “abandono em Deus”. Lemos no texto que segue: “Ficava retirada em Deus, constante no bem e contente com a vontade divina, fazendo alegremente sem reservas o sacrifício de sua própria vontade”.

Chantal continua a exercer sobre nós uma fascinante atração evangélica, deixando-nos um legado absolutamente original e precioso. Interpretou e enriqueceu o que recebeu em herança de seu diretor

espiritual e amigo de coração, São Francisco de Sales. Este lhe dissera, em carta escrita logo após o primeiro encontro: “Filha querida, por amor de Deus, abandone-se inteiramente a sua Vontade e não creia que poderá servi-lo de outra forma, porque só o servimos bem quando o servimos como Ele quer” (Carta, n.260). Fica para nós esta “regra de ouro” de Francisco de Sales, fielmente assumida pela Santa Joana Francisca de Chantal: “Faça todo por amor, nada por temor”, pois “tudo que fazemos recebe seu valor na nossa conformidade com a vontade de Deus”.

Que este livro, pequeno em tamanho e grande em conteúdo, possa ajudar muitos na busca do verdadeiro tesouro existencial, na descoberta do caminho que conduz à felicidade que não se perde em futilidades, mas proporciona a paz interior do encontro íntimo com Deus: a “vida devota” de um humanismo transcendente que plenifica.

Frater Henrique Cristiano José Matos, cmm

Introdução

Santa Joana Francisca Fremiot de Chantal, Mártir do Amor Divino, (no quardringentésimo quinquagésimo aniversário do seu nascimento.)

1572 - 23 de janeiro - 2022

Este livro pretende dar a conhecer alguns traços da vida de Santa Joana Francisca Fremiot de Chantal, fundadora, com São Francisco de Sales, da “Ordem da Visitação de Santa Maria”. O objetivo é torná-la mais conhecida, difundir sua espiritualidade, sua santidade e sua fecundidade em virtude de ter congregado, na vida religiosa, grande afluência de Irmãs sob a orientação de São Francisco de Sales.

Focalizemos sua vida familiar influenciada, sobretudo, por seu pai. É impossível, entretanto, não dar relevo a sua amizade santa a São Francisco de Sales que, tornando-se seu Diretor Espiritual, conduziu-a a uma elevada santidade.

Cada santo recebe, ordinariamente, da devoção popular, um atributo que acompanha suas estátuas e permite identificá-lo facilmente. Não é por acaso que Santa Joana Francisca de Chantal é representada tendo nas mãos o próprio coração.

“Um coração vigoroso que ama poderosamente”. Essa frase é de São Francisco de Sales. Era assim que ele a via. O desenrolar deste livro nos mostrará a verdade de sua apreciação.

Por todos os estados de vida

“Senhor, tu concedeste a Santa Joana Francisca de Chantal alcançar uma alta santidade através de diferentes estados de vida.” (Liturgia)

Joana de Chantal... Sentimo-nos, de pronto, tentados a descrever sua vida exterior, por ter sido ela desse ponto de vista, incrivelmente rica e fecunda. De fato, aqui já teríamos matéria suficiente para isso.

Filha de um herói reto e leal; esposa, tratada com carinho pelo marido com um grande amor e lhe faz a felicidade.

Castelã dotada de atrativos físicos e possuindo alto padrão de vida, é mulher inteligente, que assume, com sabedoria, a gestão de grandes domínios.

Mãe muito atenta, amorosa, é notável educadora. É socorro de qualquer espécie de afligido e miserável, aos quais sabe servir com as próprias mãos ao longo de meses e anos.

Embora viúva desolada, cresce na provação, de mulher humilhada, que suporta mansamente a tirania

cotidiana de rude amante de seu sogro. Modelo, exemplar de amizade com São Francisco de Sales, ambos são partícipes de uma das mais belas afeições na História da Igreja; é fundadora de Ordem que, ainda em vida, se vê estabelecida com mais de oitenta mosteiros, embora atravessasse grandes provações e dificuldades, múltiplos lutos, pestes, guerras, calúnias.

Durante trinta anos, incansável, foi no serviço espiritual, tanto de suas filhas, na religião, quanto de muitas outras também. Verdadeiramente mostra-se a nós mãe em todas as dimensões de sua vida. Foi além de grande correspondente (2600 cartas encontradas); também viajante, em razão das necessidades da sua Ordem, até os setenta anos. Honrada e procurada, sem jamais se comprazer nisso, por todos os grandes da França e de Sabóia, é universalmente vista, já nesta vida, como Santa, ainda que se sentisse, com toda a sinceridade, muito indigna de tal consideração.

Não se fica estupefato, quase sufocado ou incrédulo, diante de semelhante enumeração? Entretanto, não nos enganemos. Tudo isso é apenas uma casca ou um nada. A única verdadeira ventura da vida de Santa Joana Francisca de Chantal é a interior. Este pequeno livro mostrará um pouco dessa verdade.

Digna filha de um pai exemplar

Joana nasceu no dia 23 de janeiro de 1572 em Dijon, uma cidade da França. Era filha de Bénigne Frémyot, Presidente do Senado de Dijon, e Marguerite de Berbisey.

Ela ficou órfã de mãe aos dois anos, que faleceu ao dar à luz o seu terceiro filho, André. Uma tia, também viúva, veio viver com eles. Assim a atmosfera da casa ficou perfeitamente equilibrada para permitir o desenvolvimento dos três pequenos.

Espírito curioso, Joana amou a vida. Chamou a si mesma, mais tarde, “menina travessa”. Líder inata, era bonita, viva e alegre, inteiramente reta de coração. Sua formação intelectual procede mais de conversações mantidas num lar aberto a toda espécie de relações mais do que a estudos propriamente ditos. Na época não era costume oferecê-los às meninas. O preceptor de seu irmão, diante do desinteresse de André pelos estudos, sentiu-se bem recompensado pelo proveito que Joana recolhia de seus ensinamentos.

Por outro lado, a formação espiritual das três crianças é cuidadosamente assegurada pelo próprio pai, e isto a cada dia. Ele quer prevenir seus filhos contra os erros que se propagam, então empenhou-se a expor a doutrina cristã à altura da sua compreensão.

Joana é precoce. Já aos cinco anos, ei-la que brinca num recanto da sala, onde seu pai conversa com um nobre protestante: “- *Não, verdadeiramente eu não posso crer que Nosso Senhor está presente na hóstia*”. A pequena Joana salta do seu lugar e se põe bem na frente do cavalheiro: “-*Sim, senhor. É preciso crer que Jesus Cristo está presente no Santíssimo Sacramento, pois Ele disse. Se vós não acreditais, fazeis de Jesus Cristo um mentiroso*”. Divertido, o cavalheiro pensa agradá-la com doces. Ela os recebe em seu avental e, sem tocá-los, vai dignamente atirá-los no fogo. Voltando-se para ele lhe diz: “*Vede, senhor! Assim arderão, no fogo do inferno, todos aqueles que não acreditam no que Jesus falou*”.

Essa fé, assim convicta, em tão tenra idade, só fez crescer com os anos. Na juventude, ela afastou resolutamente qualquer partido cuja ortodoxia era duvidosa. Dizia: “*Eu preferia passar toda a minha vida numa horrórosa prisão a ter como morada a casa de um inimigo da Santa Igreja*”.

Por confiar em seu pai, aos 20 anos, ela recebeu, como esposo, o barão Cristóvão de Rabutin-Chantal. Joana teve razão em confiar na escolha de seu pai! Pouco a pouco, ela se torna excelente castelã, administrando seus bens e fazendo-os prosperar, enquanto cuida de todos os seus deveres de dona de casa, sem esquecer sua vida espiritual.

Provações e alegrias maternais

Os dois primeiros filhos morreram ao nascer. Enfim, depois de três ou quatro anos de casamento, ela deu à luz seu primogênito: Celso Benigno. Nasceram a seguir Maria Amada e Francisca. Joana amava seus filhos. Era uma educadora inata e cuidava atentamente de seu crescimento humano e espiritual.

Assim passam os anos. Anos decisivos por diversos motivos. Sobrevém uma grande fome. No castelo, Joana organiza socorros e auxílios para assistir os pobres da redondeza. Acolhe, com licença de seu marido, as mães que amamentam, mantendo-as bem-alimentadas para que não desfaleçam. Manda construir um forno especial, “o forno dos pobres”, para poder atender a todos. Em tudo isso, confia em Deus até correr o risco de ver faltar alimento para sua própria família.

Início de 1601. Cristóvão, que até então passava largas temporadas na corte, decide voltar definitivamente para seu castelo e sua família em Bourbilly. No outono, nasce o quarto filho. É uma menina, a caçula Carlota.

Apenas quinze dias depois do nascimento de Carlota, sobrevém a tragédia: Cristóvão parte para uma caçada com um de seus primos. Ouve-se o estampido de um tiro dado com irresponsabilidade. *“Estou morto, meu primo, meu amigo. Eu te perdôo de todo o coração. Deste este mau tiro por imprudência”*. Um soldado corajoso e

cristão ocupa-se, primeiramente, em mandar buscar um sacerdote. Pede que avisem sua infeliz esposa, e preocupa-se muito em consolar aquele que lhe infligiu um golpe mortal, involuntariamente. Morre nove dias depois, encorajando sua esposa a aceitar o inevitável, pleno de admirável paciência e submissão aos desígnios de Deus.

Joana se revolta, ofuscada a razão pela dor. Ela tem vinte e nove anos; Celso Benigno, cinco anos; Maria Amada, três; Francisca, dois, Carlota acabara de nascer.

Se, atingida por um golpe crudelíssimo, ela não pôde elevar-se à altura admirável de Cristóvão, mostra-se, no entanto, muito corajosa, embora fustigada pela dor.

Pelo sofrimento, percebe confusamente a vontade de Deus, que quer conduzi-la mais longe, embora não saiba para onde. E esta será uma questão quase angustiante por muitos anos. *“Quando aprouve à Soberana Providência romper o vínculo que me retinha atada, ao mesmo tempo Ela me concedeu muitas luzes acerca do nada desta vida e grandes desejos de me consagrar totalmente a Deus; desde então fiz voto de castidade”*. Porém, acima de tudo, ela possui quatro filhos muito pequenos ainda. Por eles deve reorganizar a própria vida. Diz adeus, definitivamente, às inúteis e luxuosas ostentações mundanas, doa todos os seus ricos trajes de gala, e despede, com justas indenizações, a

maior parte dos empregados domésticos do castelo. Prepara, assim, para si e para os seus filhos, um estilo de vida moderado, conveniente para a boa educação das crianças. Todo o tempo de que pode dispor, consagra-o à oração e às boas obras.

Em busca de um guia espiritual

Ela quer proceder corretamente, crescer na vida espiritual, mas não sabe como: *“Dai-me um guia espiritual, que seja verdadeiramente santo e vosso servidor, meu Deus. Que ele me ensine tudo que Vós desejais de mim e eu Vos prometo e juro diante da vossa Face que farei tudo o que ele me disser da vossa parte”*.

Enquanto orava assim, estando no campo a cavalo, vislumbrou no caminho, vindo em sentido contrário, um homem de batina negra. Nisso, ouve uma voz: *“Eis o homem bem-amado de Deus e dos homens, em cujas mãos tu deves colocar tua consciência”*. A seguir, a silhueta se esvai, ficando gravada em sua memória.

Um “noviciado” inesperado

A vida voltara a transcorrer tranquila em Bourbilly. Um recado do seu sogro, o velho barão Guy de Chantal, mudará o curso dos acontecimentos. Ele exige que Joana lhe traga seus netos e venha viver no castelo de Monthelon, vasta propriedade, nobre e austera. Não

admite réplica! Se ela não lhe obedecer, estará disposto a deserdar seus filhos. O barão Guy é um homem imperioso e ranzinza. Joana se submete, compreendendo claramente a situação que a espera: o Barão há muito tempo viúvo, deixara-se dominar por uma empregada que se tornara sua amante e da qual lhe nasceram cinco filhos.

Logo de início, essa mulher faz sentir à jovem baronesa quem é que governa os domínios de Monthelon. Joana percebe rapidamente com que império ela domina o barão e não insiste, embora, diariamente, sofra muitas contrariedades e humilhações. Consegue ajustar sua vida cotidiana à incoerência da situação.

Joana vê mais longe. Reconhece ser ela própria dotada de natureza ativa e imperiosa e sente que Deus lhe apresenta um meio para torná-la simples e libertá-la pela humildade. Certo dia, estando em oração, ouve uma voz: *“Assim como meu Filho Jesus, foi obediente, eu vos destino também a serdes obediente”*.

Em conformidade com o que já foi ressaltado, Joana faz então no castelo de seu sogro, um “noviciado” muito rigoroso. Essa situação durará sete anos e meio. Foi justamente, enquanto ela vivia no castelo, que conheceu aquele que vira em visão, enquanto passava a cavalo pelos campos de Bourbilly: São Francisco de Sales.

*O primeiro encontro com o Diretor enviado por
Deus*

Joana tem então 32 anos. A convite de seu pai, passa uma temporada em Dijon, para aí participar das pregações quaresmais. Nesse ano, elas serão presididas por Francisco de Sales, Bispo de Genebra, cuja fama de pregador tinha crescido muito desde sua estada em Paris.

Ao vê-lo subir ao púlpito, Joana se sobressalta. Vestido com uma batina negra, com sobrepeliz e o barrete na cabeça, ela o reconhece: é ele “*o bem-amado de Deus e dos homens*”, que lhe foi prometido quando ia a cavalo visitar as fazendas de Bourbilly. E o Bispo, por seu lado, igualmente se sobressalta. Ao vê-la em meio à assistência, ele também a reconhece! Há algumas semanas, enquanto orava, preparando-se para as pregações quaresmais, teve, subitamente, uma visão interior da Ordem de religiosas que fundaria e da jovem senhora que seria sua colaboradora.

Francisco não ousa sobrepor-se às disposições de Deus. Prefere confiar que o Espírito Santo dirija os acontecimentos. Ambos são estimulados, por aquelas visões, a buscar o desígnio de Deus sobre suas pessoas. Nenhum dos dois agirá confiando apenas em visões. Enfim, chegará o dia em que, fortalecida por conselhos de pessoas dignas de fé e por circunstâncias providencias, Joana poderá entregar-se definitivamente sob a conduta

daquele que a conduzirá com mão firme, por caminhos seguros, ao cumprimento da vontade de Deus sobre ela.

São Francisco de Sales, à medida que foi conhecendo essa alma que Deus lhe confiou, sentiu sua admiração crescer sempre mais. Estas palavras que ele escreveu a um sacerdote amigo, pouco depois de ter voltado à sua diocese, no-lo revela: *“Encontrei em Dijon aquela que Salomão procurou inutilmente em Jerusalém: a mulher perfeita, na pessoa da Senhora de Chantal”*. É dele também a apreciação seguinte, escrita numa carta dirigida a ela mesma: *“Eu vos vejo, parece-me, minha querida filha, com vosso coração vigoroso, que ama e que deseja poderosamente. Isso me agrada (...)”*. Assim, teve início a grande amizade espiritual que impelirá Joana Francisca a elevar-se nos caminhos da santidade; e que, reciprocamente, por esses mesmos caminhos, fará avançar também o Bispo de Genebra, São Francisco de Sales.

Ainda inconsolável pela morte do esposo

A propósito da apreciação feita por São Francisco de Sales sobre o coração de Joana, o seguinte episódio demonstra-o claramente: A morte trágica de Cristóvão, seu esposo, deixou-a muito traumatizada. Não conseguia nem ouvir falar no Senhor d’Anlezy, assassino involuntário do barão.

Os parentes, inconformados com tal situação, tentavam, de vez em quando, provocar um encontro entre eles. Mas eram sempre repelidos por ela que dizia já ter perdoado, porém não conseguia imaginar ver diante de seus filhos aquele que os tinha tornado órfãos. São Francisco de Sales sabia dessa animosidade, porém, como era seu costume, não quis antecipar-se à graça e aguardava o momento de intervir.

Este chegou quando, numa nova tentativa, os parentes quiseram marcar uma entrevista entre os dois. Joana recorreu muito aflita, a seu Santo Diretor e ele, em resposta lhe disse categoricamente que não lhe impunha que fosse procurá-lo, porém, devia condescender com aqueles que desejavam esse encontro. Dessa vez Joana aceitou, porque compreendeu ser esta a vontade de Deus. E foi mais longe. Não só procurou ser o mais amável que pôde, como levou seu heroísmo ao ponto de se oferecer para madrinha de batismo da filha, recém-nascida, do Senhor d'Anlezy.

O Santo Bispo, embora reconhecendo sua grande capacidade de elevar-se à prática de virtudes heróicas, vai guiá-la por caminhos muito simples, estando, sem cessar, à escuta dos desígnios de Deus, os quais ele discerne por meio das vivas reações de Joana aos acontecimentos.

***Sabedoria do Santo, diretor da Senhora de
Chantal***

Ela havia conservado seu porte de grande dama, cuidando da elegância pessoal com um gosto muito apurado. “*Estaríeis pensando em contrair novo matrimônio, senhora?*” “*Oh, não, Monsenhor!*” “*Pois então, talvez fosse melhor recolher a tabuleta*” ele o disse, com um sorriso, e Joana o compreendeu! Pouco a pouco foi se desfazendo de todas as veleidades humanas.

O Bispo ensina-lhe, sobretudo, a tornar sua devoção amável aos que com ela convivem. Fá-la dispensar os serviços de sua camareira no que diz respeito a sua pessoa. Para ter mais tempo para a oração, levantava-se muito cedo, obrigando sua serva a fazer o mesmo. Esta, por temor de fazer sua senhora esperar, não consegue dormir bem as noites.

Em outra ocasião, ele se dá conta, da delicadeza de seu paladar ao oferecer-lhe azeitonas, que ela recusou dizendo: “*Jamais provei tal coisa!*”. Ele lhe ensinou, então, a praticar pequenas mortificações na alimentação. Para cumprir esse ponto, ela encarrega uma criada de servir-lhe o prato, comendo, daí em diante, tudo o que lhe serviam sem escolha.

Compreende que essas pequenas privações a que, de bom grado, se sujeita, libertam-na mais do que as grandes penitências, que correm também o perigo de

fazer crescer o amor-próprio. O espírito de Joana se dilata. Ela começa a gozar de grande liberdade interior e se vê levada a uma oração simples, cordial e íntima que a conduz a uma santa e respeitosa familiaridade com Deus.

Entretanto, o Santo Bispo só se ocupava, nessa direção espiritual, em ajudar Joana a viver santamente no mundo, cumprindo seus deveres para com Deus, com seus filhos e com seu sogro. Sua docilidade a fazia crescer rapidamente nos caminhos da devoção.

Ora, no meio desse serviço a Deus e ao próximo, um sentimento trabalhava sem cessar o coração de Joana. Tudo isso lhe parecia um nada, se ela não pudesse entregar-se toda a Deus, numa vida retirada e fora do mundo. Tal sentimento ia de encontro às diretivas que Joana recebia de Francisco de Sales.

Ordenara-lhe ele que ela só pensasse em viver santamente, sua condição de viúva. Daí seu sentimento de lhe estar desobedecendo. Falou disso, por escrito, a Francisco que lhe esclareceu melhor, explicando-lhe que não lhe dissera para perder a esperança de entrar para a vida religiosa, mas, que não devia fixar-se apenas nisso, pois nada há que nos impeça tanto de nos aperfeiçoarmos em nossa vocação do que aspirar a outra.

A grande revelação

Entretanto, Francisco percebeu que chegara o momento de revelar um pouco mais o projeto de Deus a Joana de Chantal e convidou-a a ir a Annecy. Quando ela chegou, ouviu-a, demoradamente, sobre tudo o que se havia passado em sua alma e recomendou-lhe que rezasse e se abandonasse totalmente às mãos de Deus.

Finalmente, falou-lhe com toda a simplicidade, sobre o desígnio que tinha de fundar uma nova família religiosa, da qual ela seria mãe e fundadora. Ao ouvir essa proposta, diz ela, *“senti, de repente, uma correspondência interior, com uma doce satisfação e luz, garantindo-me ser essa a vontade de Deus”*. Mas, à medida que se foi apercebendo melhor dos trâmites do projeto, sentiu-se, por vezes tomada de grande perturbação. O próprio Francisco confessava que se apercebia de grandes dificuldades na execução do projeto, mas, acrescentava: *“Estou certo que a Divina Providência o fará por meios desconhecidos para as criaturas”*.

Decidiram então guardar segredo sobre esse assunto, por longos anos, seis ou sete pelo menos, até que os filhos de Joana estivessem estabelecidos no mundo. Porém, nos planos de Deus, não seriam tantos anos assim.

Verdadeiramente, o desenlace de todas essas dificuldades, sobreveio mais cedo do que Joana e Francisco poderiam prever.

Os caminhos da Providência na fundação do novo Instituto

Tudo começou algum tempo depois do regresso de Joana a Monthelon. Ela, ao voltar trouxe consigo a irmã mais nova do Bispo, Joana de Sales, para educá-la junto com suas filhas. Ela tinha estado até então num pensionato de Irmãs, com a intenção de se tornar religiosa. Vendo que ela não sentia vocação para aquele gênero de vida, Francisco e sua mãe pensaram confiá-la a Joana. A juvenzinha, porém, pouco tempo depois de sua chegada, foi atingida por um mal súbito e veio a falecer apesar de tudo o que se fez para salvá-la.

Joana ficou profundamente aflita e, na sua dor, prometeu, por um voto, dar uma de suas filhas à casa de Sales para compensar esta perda. Na verdade a Senhora de Boissy, mãe de Francisco de Sales, havia feito esse pedido, quando de sua visita a Annecy movida pelo grande afeto que lhe dedicava. Porém, Joana não se animou a comprometer-se temendo a resistência dos avôs que não aceitariam ver sua neta partir para tão longe. Porém, diante do presente acontecimento e do voto que Joana fizera, eles cederam. Maria Amada de Chantal foi

então prometida em casamento a Bernardo de Sales, irmão de Francisco.

Esse foi o meio de que a Divina Providência usou para retirar Joana da Borgonha e conduzi-la a Sabóia, porque se viu que Maria Amada, sendo ainda tão jovem, ia precisar da presença de sua mãe para orientá-la nos seus primeiros tempos de casada.

Enquanto se preparavam as núpcias, aconteceu que Carlota, a filha caçula de Joana, faleceu repentinamente com a idade de dez anos. Deu-se em seguida o passamento da Senhora de Boissy, mãe do Santo Bispo. Ficou clara então a necessidade da presença de Joana perto da filha. Foi decidido que Francisca seguiria sua mãe, e que Celso Benigno permaneceria com seu avô materno que, já havia tempos, se ocupava da sua educação.

Entretanto a vocação de Joana, quando se tornou conhecida, provocou um desacordo muito doloroso para ela, em virtude da oposição de seu pai e de seu Irmão André, Arcebispo de Bourges. Porém ela conseguiu vencer todos os obstáculos, afirmando que era essa a vontade de Deus, que deixava todos os seus negócios em ordem, e que continuaria a ocupar-se deles mesmo como religiosa. Assim tudo se acomodou e pôde partir no tempo previsto levando Francisca em sua companhia.

A pedra fundamental de um novo instituto

Joana não foi somente fiel colaboradora de São Francisco de Sales na fundação da Ordem da Visitação de Santa Maria. Pela sua docilidade em aceitar os ensinamentos de seu Santo Diretor, ela conseguiu encarnar seu espírito e transmiti-lo às suas companheiras.

Por seu lado, São Francisco de Sales via nela, a realização da inspiração que recebera do alto. Por isso se ocupou grandemente de sua formação. Jamais se decepcionou. Eis como ele definia o espírito próprio da Ordem da Visitação:

“-Um espírito que busca unicamente a Deus, tendendo, sem cessar, unir-se com Ele, independente de tudo, exceto do divino beneplácito.

-Um espírito de uma profunda humildade para com Deus e duma grande suavidade para com o próximo.

-Um espírito que não se caracteriza pelas austeridades exteriores; por isso as Irmãs devem supri-las pela renúncia interior, por uma grande simplicidade e alegria na vida comum”.

Ora, Joana Francisca praticava grandes austeridades levada pelo desejo de agradar a Deus e pela ajuda de sua compleição robusta. São Francisco de Sales, ao contrário, ensinou-lhe a domar sua carne, não usando

cilícios e jejuns por alguns momentos, mas manter seu espírito sempre atento para não deixar passar ocasião alguma de oferecer a Deus uma infinidade de pequenos sacrifícios, o que faz morrer a vontade própria sem prejudicar a saúde.

Essa nova maneira de viver a perfeição religiosa tornou possível a um grande número de pessoas bem intencionadas, dedicar-se à perfeição do Divino Amor. Impedidas por causa da saúde fraca, da idade, ou simplesmente por não se sentirem atraídas para as austeridades, essas pessoas foram obrigadas a permanecer no mundo. Pensando principalmente nelas, o Santo Fundador idealizou sua Ordem. Eis suas palavras: *“... Portanto para que essas almas tivessem, de aqui por diante, algum retiro seguro nestas regiões, foi criada esta Congregação, de tal modo que nenhuma grande aspereza possa impedir as fracas e enfermas de nela entrar, para se dedicarem à perfeição do divino amor...”*.

Enfim, estando definido o motivo da nova Congregação, foi escolhido o dia da Santíssima Trindade para dar-lhe começo. Era o ano de 1610, a solenidade caiu no dia 6 de junho, festa litúrgica de São Cláudio. Ao constatar essa coincidência, Joana recordou-se de um sonho, visto agora como profético: Nele, ela caminhava acompanhada de muita gente. Todos entraram numa igreja. Quando ela quis também transpor a porta, foi impedida de fazê-lo e ouviu uma voz que lhe disse: *“Vós*

não entrareis no recinto da casa de Deus, senão pela porta de São Cláudio”. A evocação desse sonho encheu seu coração de grande esperança.

Duas jovens da nobreza, Maria Jaqueline Favre e Joana Carlota de Brécharde se juntaram a Joana para viverem igual experiência. Além delas, uma quarta jovem veio fazer parte do grupo, Ana Jaqueline Costa, filha espiritual de São Francisco de Sales, encontrada por ele em Genebra, numa estalagem, servindo como criada. Vendo nela uma alma toda de Deus, aceitou ser seu diretor. Ana Jaqueline soube por inspiração divina, do projeto da fundação, antes do fundador tê-lo comunicado a qualquer pessoa. Ela falou-lhe sobre seu desejo de servir às Esposas do Senhor. Ignorando de quem ela falava, prometeu-lhe encaminhá-la para um dos mosteiros de sua diocese. Porém ela lhe disse: *“Não, Monsenhor, as religiosas que quero servir são aquelas da Congregação que o Senhor vai fundar*”. Admirado ele respondeu: *“E quem lhe disse que eu vou fundar uma Congregação?”* *“Ninguém”*, disse ela *“eu sinto isso no coração. Por isso lhe digo”*. Francisco nada lhe confirmou, mas agradeceu a Deus por essa comunicação e contou o fato a Joana. Ana Jaqueline foi a primeira Irmã externa da nova Congregação.

Inícios da nova Congregação

Confiando na Divina Providência, Joana e suas companheiras se encerraram numa pequena casa sem se lembrarem sequer do alimento de que precisariam para tomar no dia seguinte. Ana Jaqueline, como era de seu dever, foi, bem cedo, se informar sobre o que preparar para o almoço. Joana disse-lhe que não se inquietasse, pois Deus providenciaria. Ana Jaqueline aguardou mais um tempo e, vendo que nada aparecia, foi ao quintal, colheu algumas verduras, pediu uma tigela de leite à vizinha, pôs tudo a cozinhar.

Na hora marcada para a refeição, foram todas ao refeitório. Neste mesmo momento, alguém tocou à porta. Eram os criados do pai de Maria Jaqueline com o almoço para as novas reclusas. Esta pobreza amada e desejada continuou a acompanhar a vida das Irmãs. Também a Divina Providência, com suas surpresas enchia de alegrias a quem, por seu amor tudo deixou.

Aquele grupinho que se uniu no dia 6 de junho foi aumentando até tornar-se uma multidão, povoando centenas de mosteiros espalhados pelos cinco continentes.

A prática de todas as virtudes na Madre de Chantal

Prosseguindo no propósito deste livro, voltamos a nos ocupar principalmente de Santa Joana Francisca, de

sua vida de fé. Temos esta avaliação de São Francisco de Sales feita em uma carta a ela dirigida: *“É uma verdadeira insensibilidade que vos priva de desfrutar das virtudes que, no entanto tendes em muito bom estado. Deus não quer que de vós dependa a avaliação de vossa fé, de vossa esperança, da vossa caridade e de outras virtudes”*.

Joana conheceu aquela prova que os mestres espirituais denominam “a nudez da fé”. Essa prova durou-lhe toda a sua vida, com alternâncias de tempos fortes e períodos de tréguas. Começou muito cedo, conforme se pode deduzir de uma confidência feita a uma de suas filhas durante sua última viagem por França (1641). Ela disse: *“Há já quarenta e um anos que as tentações me perseguem, deverei por isso perder a coragem? Não, eu quero esperar em Deus, ainda que ele me mate e aniquile para sempre”*.

A essa esperança desesperada, a essa fé nua e contrariada, a esse amor insensível, Joana só escapa por aquilo a que ela chama, com São Francisco de Sales, “o abandono”. A Madre de Chaugy, sua primeira biógrafa, a traduz por “uma perpétua adesão a Deus. Um *Fiat voluntas* incessante”. Não era fácil para essa mulher que tinha o entendimento pronto e fértil. Joana, porém, tinha tanta força de vontade como generosidade. Foi autorizada, por seu Diretor espiritual, a renovar, todos os

anos, ao mesmo tempo, tanto seus votos quanto seu abandono geral nas mãos de Deus.

Mas o admirável nesta Santa é ela ter conseguido, ao mesmo tempo em que passava por estas tribulações no espírito, viver à frente de uma comunidade nascente, no meio de jovens, e saber se comportar de tal modo que era a alegria de todas; ser mãe e mestra, sabendo distribuir a cada uma aquilo de que cada uma precisava.

É verdade que ela podia contar com a sábia direção de São Francisco de Sales que a ajudava na formação espiritual das companheiras, porém a maior responsabilidade era dela. Acrescentemos que a existência cotidiana se desenrolava numa grande pobreza e incerteza frente ao futuro. Desses começos, só se sabe algo devido a uma carta escrita pelo fundador. Eis como se expressa: “... *Elas dizem o Ofício de Nossa Senhora e fazem a oração mental. Têm o trabalho, o silêncio, a obediência, a humildade, a indiferença por toda propriedade e, tal como num mosteiro, levam vida interior pacífica e de grande edificação. Depois de sua profissão, servirão aos doentes, com a ajuda de Deus e com grande humildade*”. Realizavam assim plenamente o ideal dado por Francisco: dedicar-se à perfeição do Divino Amor.

Esta vida religiosa que começou em Annecy é uma das respostas às primeiras preocupações de

Francisco depois de sua sagração episcopal: promover um despertar da vida cristã na Sabóia. Ninguém está excluído da perfeição evangélica. É preciso pregá-la a todos, mas com amor e testemunho da vida.

“Que toda a sua vida e exercícios sejam dedicados à sua união com Deus, para ajudar, por orações e bons exemplos, na reforma da Igreja e salvação do próximo”, diz ele na Regra de vida. Eis onde situa seu mosteiro ele o quer em contato com o povo cristão, deseja que jovens e senhoras possam aí fazer seu retiro.

Atuação de Francisco na comunidade nascente

Todo o dia, Francisco observa como vive a Comunidade. Nela lê os apelos do Espírito Santo. Para que foi fundada? Foi fundada para *“... dar a Deus filhas de oração e almas tão interiores que sejam consideradas dignas de servir a sua Majestade infinita e adorá-La em espírito e em verdade”*. Assim é que a primeira meta estabelecida prioriza a vida de oração e as celebrações litúrgicas. Já “o esboço inicial” das Constituições se orienta em direção à vida monástica. A vida de oração é reconhecida como o primeiro princípio educador da vida religiosa e a medida da formação no noviciado.

O Bispo as visita muitas vezes por semana, acompanhado pelo capelão. Oferece-lhes entretenimentos espirituais que, anotados de memória, sucessivamente,

pelas irmãs, serão depois reunidos em uma obra: *“Palestras íntimas”*; quando se senta familiarmente no meio delas, no próprio jardim, deixa que as questões fluam espontaneamente. Tudo lhe é fielmente submetido. Pouco a pouco, determinam-se os detalhes das observâncias cotidianas. Nenhuma prerrogativa. Cada uma terá sua vez, até mesmo a Madre de Chantal, cuja maior alegria é desempenhar os trabalhos mais humildes. Para isso acomoda seus deveres para estar livre e poder cumprir bem “a sua semana”. A simplicidade reina em tudo e por toda parte.

Três semanas decorreram desde a fundação. A pequena Comunidade ainda não tem nome. No dia 1º de julho, naquela época, vigília da festa da Visitação da Virgem Maria, o Senhor concede a Francisco, na oração, “luzes particulares”. Ele logo as comunica às Irmãs: *“Encontro neste Mistério mil particularidades espirituais que me dão uma luz especial sobre o espírito que desejo estabelecer entre vós”*. Comove-o esta cena evangélica de vida escondida e profundamente simples (Lucas 1,39-50). O Instituto se chamará *“Visitação de Nossa Senhora”*. Rapidamente, porém, nos arredores, difunde-se o costume de reconhecer o mosteiro pelo nome de “Santa Maria”. Assim se manterá para a posteridade a designação atual: “Visitação de Santa Maria”.

Contemplação e louvor a Deus e, ao mesmo tempo, serviço ao próximo; espírito de ação de graça e

humildade haurido do Magnificat; pobreza patente, resplandecendo em confiança infinita na bondade do Pai; disponibilidade ao Espírito; ardor missionário que deseja revelar a todos a presença de Cristo; mistério de comunhão entre as pessoas; radicalismo no Mistério da Santíssima Trindade; olhar que se estende à humanidade inteira; suavidade e simplicidade nos relacionamentos humanos; comunidade de vida na diversidade e no remate; alegria no Senhor; acatamento como o fez Maria, guardando todas essas coisas no coração...

A Ordem da Visitação de Santa Maria nunca deixou de haurir, desta cena do Evangelho, a essência de sua espiritualidade.

“Sempre julguei que o espírito da Visitação é um espírito de profunda humildade para com Deus e de uma grande doçura para com o próximo”. Essa doçura, Francisco quer vê-la encarnada no concreto da vida. A primeira e fundamental prática será estabelecer uma vida religiosa, capaz de acolher vocações contemplativas que não encontrariam lugar em outras Congregações por falta de saúde ou de juventude.

Não, a Visitação não terá brilho exterior. Ao contrário, recolherá, com amor, todas as ocasiões em que possa praticar a humildade: *“Eu quero que minhas filhas, não tenham outra pretensão senão a de glorificar a Deus por seus aniquilamentos. Algumas são robustas e jovens?*

Tanto melhor, porque assim as fracas se beneficiarão dos frutos da saúde das robustas, e as robustas serão igualmente beneficiadas pelo mérito da paciência das fracas e enfermizas.”

O exterior da caridade

Um dos aspectos desta “doce caridade para com o próximo” será constituído, nos primeiros anos, por certas visitas aos doentes. Essa prática não se limita jamais, a todas as visitandinas. Logo tenderá a desaparecer, substituída por outros testemunhos de caridade. O ano de noviciado é passado inteiramente na clausura e termina pelo compromisso público de Madre de Chantal e suas primeiras filhas, na festa de São Cláudio de 1611.

Eis que Joana deve, agora, preparar-se para sua primeira viagem de retorno a Borgonha. Neste ínterim, sobreveio a morte providencial do Presidente Frémiot. Para o bem de seus filhos, cabe a Joana, a tarefa de pôr em ordem questões complexas de sucessão e partilha, bem como tomar providências em relação a Celso Benigno. Ela voltará a Annecy por ocasião das festas de Natal.

Entretanto, pouco a pouco, outras jovens juntavam-se ao grupo. Em breve já eram dez. Ora, entre essas dez primeiras, só duas não eram de constituição fraca e de saúde delicada. As pessoas começaram a murmurar muito por tais admissões, ao que o santo

fundador replicava apenas, com sua habitual bonomia: “*que quereis, eu sou partidário das mais débeis*”. E acrescentava que, “a vida religiosa não deve ser vedada às saúdes frágeis”.

As visitas aos doentes serão inauguradas em 1º de janeiro de 1612. Serão, desde as origens do Instituto, bastante limitadas. Duas Irmãs apenas são designadas pela superiora para, a cada dia, levar, em nome da Comunidade, alguma ajuda a indigentes enfermos que vivem nos arredores, tendo permissão para cuidar deles e confortá-los espiritualmente.

As duas presenças de um coração maternal

Agora, Joana é duplamente mãe. Sua solicitude pela Comunidade não a faz esquecer sua ternura pelos filhos. Ela quer agir corretamente, razão por que consagrou-se a Deus na vida religiosa. Quer amar seus filhos em Deus e por Deus.

Sobreveio a morte do Barão Guy de Chantal, Mais uma vez era preciso partir para Borgonha. Seu filho Celso Benigno vem buscá-la.

Chegando a Monthelon, ela resolve tranquilamente, os negócios emaranhados. Mostra-se benevolente e compassiva em relação à infeliz empregada-amante. Esta se apresenta cabisbaixa, sabendo que já não tem mais alguma autoridade, e que

muitas pessoas esperam poder vingar-se, agora, de suas atitudes passadas.

Madre de Chantal, no entanto, cuida de todas as disposições necessárias para que essa pessoa e seus filhos recebam justamente o que lhes corresponde na divisão da herança. Recompensa-os, assim, honesta e generosamente, em troca do mal que deles recebera.

Uma prece atendida

Em fins de 1613 foi preciso abandonar a casa da Galeria, que já não comportava o número de membros da Comunidade. Madre de Chantal nomeia uma mestra de noviças, pois já não pode assumir sozinha a formação de todas. Reina um fervor e um grande desejo de progredir nas vias da oração.

Esse fato suscitará um problema singular. Para sua grande confusão, Joana recorda bem que, muitas vezes, causou surpresa aos seus companheiros de viagem. Deu-se que certo dia, esperando, com seu genro e Irmã Maria Jaqueline, o início da Santa Missa, viu-se de tal maneira mergulhada na oração que ficou admirada quando, muito tempo depois, ousaram chamá-la. Soube que a Santa Missa fora celebrada diante dela, que a deixaram lá indo preparar tudo para a refeição e que ainda tiveram que esperar muito tempo até que ela terminasse sua ação de graças.

Naquele dia, Joana sentiu-se incapaz de comer. Agora ela vê multiplicarem-se entre as Irmãs fatos da mesma natureza (êxtases, arrebatamentos), e as notícias se espalham pela cidade.

Como então manter o espírito de simplicidade, de pobreza abraçada e amada se o mundo, que se engana facilmente sobre a importância das coisas exteriores, maravilha-se diante desses fenômenos?

“Nossa vida está escondida com Jesus Cristo em Deus”, diz a Escritura. Joana medita sobre a Palavra, fala a seu respeito ao Bispo, e, com ele a um padre jesuíta amigo. Ambos oferecem a Santa Missa nessa intenção. E eis que Joana sente, por uma iluminação interior, que a Santíssima Trindade se alegra com a oração das Irmãs da Visitação, e manterá normalmente ocultas as graças a elas concedidas a fim de que possam ser *“adoradoras e imitadoras da vida de Jesus Cristo, interiormente toda oculta em Deus, e inteiramente comum aos olhos do mundo”*.

Os três se sentem em paz, pois o Bispo e o padre jesuíta também foram tocados, simultaneamente, pelo mesmo sentimento.

*A Visitação na França em direção à vida monástica
claustral*

Annecy situa-se no ducado independente da Sabóia. Desde os inícios de 1613, em Lyon e Paris, começa a surgir o interesse pela Visitação, que responde a uma verdadeira necessidade. Bispos pedem as Constituições. Francisco empenha-se, então, em aprimorar sua redação e, sem que lhe tenha sido efetivamente solicitado, define bem o caráter secundário das saídas do claustro para as visitas aos doentes: *“Se a Visitação for estabelecida em alguma grande cidade (onde essas visitas não sejam julgadas necessárias), caberá ao bispo do lugar ou suprimi-las ou limitá-las”*.

Entretanto, depois dos primeiros acordos para Lyon, o projeto muda bruscamente de direção. O Arcebispo Monsenhor de Marquemont decide fundar sua própria congregação, a qual denominará “Irmãs da Apresentação”.

Infelizmente as “boníssimas almas” que ele reuniu para dar início à sua obra não puderam permanecer juntas seis semanas sem entrar em profundo desentendimento.

Monsenhor de Marquemont volta-se novamente para Francisco de Sales, desejando retomar, às pressas, o projeto abandonado. Para a admiração geral, a Providência Divina parece ter aí colocado sua mão de

modo manifesto. As autorizações reais acabam de chegar para o primeiro pedido solicitado, o da Congregação da Apresentação.

Tendo esta “falecido ao nascer”, procura-se rapidamente encaminhar nova petição. Porém, ao serem lidas, as patentes recém-vindas, assinadas pelo Rei e pela Regente, sua mãe, eis que é VISITAÇÃO que ali se encontra escrita, em belos caracteres, artisticamente desenhados.

A princípio ninguém entende o que sucedeu, tanto mais que o rascunho guardado pelo Arcebispo, escrito por ele mesmo, também trás a palavra VISITAÇÃO, sem rasura alguma. O prodígio deixa estupefatos os assistentes. A intenção divina parece clara para todos.

De fato, esse segundo mosteiro (de Lyon) foi determinante para o futuro da Ordem da Visitação. Dezoito meses mais tarde, a Visitação se estabeleceu também em Moulins. O Arcebispo de Lyon decidiu não permitir, nesses dois mosteiros, visita aos doentes.

Uma mudança considerável?

Para a opinião pública, o motivo principal da transformação da Visitação em Ordem claustral foi a supressão das visitas aos doentes. Na verdade, esse fato seria (quem sabe?) o que menos pudesse afetar seu

regime de vida. Nenhuma Irmã podia estar certa de que seria designada para as visitas aos doentes. E mesmo que o fosse, durante o ano do seu noviciado, certamente passaria os doze meses em clausura.

Mais penosa (para a época) era a impossibilidade de receber, para a Ordem religiosa, viúvas ainda responsáveis pelos bens de seus filhos. Era exatamente o que buscava o Arcebispo de Lyon. Em parte, por causa do interesse das famílias que se sentiam bem mais seguras, sabendo que suas filhas religiosas não reclamariam, dia algum, a parte que lhes corresponderia nas heranças.

Assim eram as leis e os costumes do tempo. E Monsenhor de Marquemont temia que a Visitação percesse ao não se adequar às normas sociais da época.

Aos olhos das visitandinas, destacava-se a vantagem da clausura: *“Deus, em sua bondade, nos deu uma grande disposição e atrativo interior para viver em absoluta clausura, com inteira consolação de nossas almas”* (Santa Joana Francisca de Chantal). Nisso as visitandinas reconheceram unanimemente sua vocação: não haveria desistência alguma.

Quanto ao mais, os dois Fundadores nada cederam do que consideravam essencial e terminaram por obter oportunamente total ganho de causa: a Ordem ficava isenta do “Grande Ofício”, difícil para a maioria por ser

em língua latina, e manteria o direito de acolher retirante dentro da clausura: “*A Visitação, devendo ter em consideração o serviço aos pobres e não havendo maior pobreza que a da alma, poderá receber mesmo por muitos dias, senhoras e jovens para um retiro*”. Foi assim que o propósito da caridade encontrou sua expressão definitiva.

Verdadeiramente, a confirmação do Espírito Santo se fez sentir, pois a Visitação, a partir desse momento, foi requisitada em toda parte. As fundações, durante os quatro anos que precederam a morte de Francisco, multiplicavam-se, e o movimento continuava.

A oferenda sacrificial da amizade

Até aqui, Francisco de Sales protegeu, com seu olhar e com suas atitudes e ações, a Visitação nascente, demonstrando, principalmente, comovedora solicitude para com sua “pedra angular”, a Madre de Chantal. Escreveu-lhe, muito e durante muito tempo, cartas filialmente conservadas. Infelizmente as de Joana, pelo contrário, quase todas se perderam: estavam em poder de Francisco, por ocasião de sua morte, contendo cuidadosas anotações de seu próprio punho. Devolvidas à Madre de Chantal, esta as lançou ao fogo. Continham muitos segredos que ela havia confiado ao seu diretor espiritual.

No Pentecostes de 1616, pareceu a Francisco que chegara a hora: a Madre de Chantal entrara em solidão,

ou seja, fazia seu retiro pessoal durante a semana que antecedia a festa (22 de maio). E ele próprio, Francisco, então doente, aproveitava-se de seu repouso forçado para “preparar a sua alma”.

Tal coincidência permitiria a ela (e também a ele próprio, Francisco) entrar, com passo decidido, no “amor puro da complacência de Deus” e, por conseguinte, no total despojamento interior.

Por sorte inesperada, a Madre de Chantal não destruiu os curtos bilhetes então trocados entre o bispado e a Visitação, como fez com suas cartas dirigidas a Francisco. Admirável permuta! Até chegar a esta missiva de 21 de maio, em que Francisco desfere, por fim, o golpe decisivo: *“Nosso Senhor ama-vos, minha Mãe, Ele vos quer toda para si. Não tendais outros braços para vos levar do que os d’Ele, nem outro peito para repousar do que o seu e a sua Providência; não espraieis o vosso olhar para fora d’Ele nem detenhais o vosso espírito a não ser n’Ele; tende a vossa vontade tão simplesmente unida à sua em tudo o que lhe aprouver fazer de vós, em vós, e para vós, e em todas as coisas que estão fora de vós, e que nada se erga entre vós e Ele. Não penseis mais na amizade nem na unidade que Deus estabeleceu entre nós, nem nos vossos filhos, nem no vosso corpo (a Madre de Chantal estava muitas vezes doente), nem na vossa alma, enfim, em coisa nenhuma, pois tudo entregaste a Deus. Revesti-vos de nosso Senhor crucificado, amai-o*

nos seus sofrimentos. O que for necessário fazerdes, não o façais mais por ser esta a vossa inclinação, mas simplesmente por ser essa a vontade de Deus". A Madre de Chantal compreendeu a que exigências de amor a convidava Francisco da parte de Deus. Respondeu nesse mesmo dia: *"Meu Deus, meu verdadeiro Pai, que fundo penetrou o cutelo! (...) Bendito seja Aquele que me despojou! Oh Deus! Como é fácil abandonar o que está ao nosso redor; porém, deixar a própria pele, carne, ossos, atingindo até o âmago da medula - parece-me que foi isto que fizemos, - é algo grande, difícil e impossível a não ser pela graça de Deus"*.

Quem quiser fazer ideia exata dos laços profundos que uniam Francisco de Sales e Joana Francisca de Chantal deve reler a troca de bilhetes do Pentecostes de 1616.

O músico surdo

Nesse mesmo ano de 1616, tem lugar um evento aguardado por todas as visitandinas: é a edição do *"Tratado do Amor de Deus"*, obra de Francisco de Sales. Dela as visitandinas esperam maravilhas para progredir no santo Amor. Sabem que essa obra lhes é especialmente dedicada, pois dela participaram de muitos modos, particularmente *"Aquele que é a Madre teve um cuidado contínuo de orar e mandar orar pelo bom êxito de sua realização"*, diz Francisco de Sales no prefácio.

Em uma, dentro de muitas outras páginas, escreve: *“Trabalho em vosso livro nono do Amor de Deus, e hoje, rezando diante de meu crucifixo, Deus me fez ver vossa alma e vosso modo de vida pela comparação com a vida de um excelente músico, súdito de um Príncipe que o amava muito e que lhe dava o testemunho de apreciar apaixonadamente a doce melodia do seu alaúde e de sua voz. Entretanto, este pobre cantor ficou surdo, não ouvia mais sua melodia, e seu senhor se ausentava frequentemente; contudo ele não deixava de cantar porque sabia que para isso seu senhor o havia contratado (...). Oh, que bem-aventurado é o coração que ama a Deus sem nenhum (sic) outro prazer senão o de agradá-lo”*.

Aprendendo com o sofrimento

Maio de 1617. A morte vem entristecer o jovem lar de Maria Amada. Bernardo morre no Exército, vítima de uma epidemia. Maria Amada refugia-se no mosteiro junto a sua mãe.

Alguns meses depois dá à luz um filho. Parto prematuro e dramático. O recém-nascido mal respira. Joana o batiza imediatamente e, a seguir, prodigaliza todos os cuidados a sua filha. Ambos estão agonizantes. Mãe e filho falecem. Maria Amada, com apenas 19 anos.

Abatida pelo sofrimento, ainda que aceitando as permissões de Deus, Joana é sacudida, algumas horas

depois, por violenta tentação. Foi ela quem batizou seu neto, mas com que gestos? Com que palavras? Não sabe sequer se usou água. Terá sido um batismo inválido? Será sua a culpa?

Desnorteada, vai lançar-se a gemer, aos pés de Francisco. *“Monsenhor, eu, eu sou a culpada!”* O Bispo discerne instantaneamente a tentação: *“O que é isso, minha Madre? Olhais, pois, para vós mesma?”*.

A essas palavras, seus olhos se abrem. Reconhece claramente que, em vez de olhar para Deus, fechara-se em seu sofrimento. Volta-lhe a memória e revê todas as circunstâncias do batismo que realizara, exatamente segundo o rito da Igreja.

Esse acontecimento permanecerá fecundo na vida e nos ensinamentos da Madre de Chantal. Ela nunca hesitará em assumir a falta que cometeu nesse dia, nem a correção recebida de seu bem-aventurado Pai, quando tiver que esclarecer o sentido da verdadeira contrição.

No arrependimento do mal, é preciso olhar mais para Deus, contra Quem foi ele cometido, do que para nós que o cometemos. Caso contrário, não será o amor contrito que nos fará chorar, mas o despeito do nosso amor-próprio humilhado por se ver digno de lástima. E, então, o inimigo disporá de tudo para nos confundir o coração.

A Madre de Chantal às portas da morte

Tantos sofrimentos e lutos lançaram a Madre de Chantal numa grave doença, a ponto de Francisco de Sales ter julgado recomendável administrar-lhe os últimos sacramentos. “Aprove a Deus”, escreve a Madre de Chaugy, “levá-la ate às portas da morte para depois retirá-la de lá.” Com efeito, vendo-a agonizante, Francisco levou-lhe relíquias de São Carlos Borromeu e fez a promessa de ir em peregrinação ao seu túmulo. A Madre de Chantal curou-se subitamente. Isso teve lugar no início de fevereiro de 1618.

A partir de então, o Bispo de Genebra e a Madre de Chantal passam a viver longe um do outro. Seus caminhos quase não se cruzarão. Algum encontro se dará, às vezes, por alguns dias, no máximo por algumas semanas e tanto um como outro serão tomados por mil afazeres. Sua própria correspondência tornar-se-á mais espaçada por força das circunstâncias. Em vista disso, a Madre de Chantal experimentará, de vez em quando, um sentimento de imensa solidão e tristeza. Deus era então seu único socorro. Aquilo que ela aceitara, durante seu retiro de Pentecostes de 1616, realizava-se.

Agora ela é a Madre cada vez mais devotada aos interesses da Ordem que cresce rapidamente. As correspondências não cessam de aumentar, até atingir proporções consideráveis, o que fará da Madre de Chantal

grande escritora de cartas. Ela escreve para reconfortar, encorajar, esclarecer e guiar, bem como para tratar de assuntos muitas vezes difíceis e complicados.

Seu dom se estendia a quaisquer assuntos, fossem eles quais fossem, e com tanta prontidão que, se lhe ocorria pedir ajuda às Irmãs, quando eram três a escrever ao mesmo tempo, registravam-se notas diferentes das que eram ditadas. Discorria sobre assuntos muito importantes com tanta facilidade como sobre outros temas. Depois disso, se a secretária tivesse omitido o mínimo pormenor, ou acrescentado palavras suas, ela dizia: “Isto não é meu estilo, mas o vosso é melhor”.

Não escrevia para agradar e, no entanto, agradava, por ser espontânea, jovial. Usava de mil recursos para transmitir suavemente, tornando eficazes seus bons conselhos. Sobretudo, revelava-se sempre calorosa e afetiva.

Retornando o Fundador a Annecy, e permanecendo a Madre em Paris, é a ela que todos se dirigiam mui frequentemente.

Fundadora da Visitação

Outubro de 1622 vê Madre de Chantal em Lyon. Francisco também aí se encontra, porém não há tempo para conversar. Ele a encarrega de visitar diversos mosteiros. Voltam, efetivamente, a reencontrar-se em

meados de dezembro (há mais de três anos que não realizam um entretenimento pessoal):

“- Minha Madre, temos algumas horas livres. Quem de nós dois começará a falar?”

“- Eu, por favor, meu pai; tenho grande necessidade de abrir-vos meu coração”.

“- O que (sic), minha Madre (sic), ainda tende (sic) desejos ardentes e necessidade de fazer escolhas? Eu acreditava que iria encontrar-vos toda angélica. (...) Minha Madre, falaremos de nós mesmos em Annecy; agora, concluamos os assuntos da Visitação”.

Joana lhe obedece sem replicar e, durante quatro horas, falam do Costumeiro que deve ser redigido, dos meios de manter a união entre os mosteiros, sem jamais, lançar mão de um governo geral, e do vínculo particular de cada mosteiro com seu Bispo.

São os últimos pensamentos do Fundador, seu testamento. E é também o último encontro entre Joana e Francisco. A saúde dele vinha declinando há bastante tempo. No dia 28 de dezembro, aos 55 anos de idade, Francisco de Sales morre de apoplexia, tendo doado, até o fim, suas forças a serviço da Igreja, por ele apaixonadamente amada.

O regresso do corpo de Francisco de Sales a Annecy

Mal Francisco faleceu, uma multidão de Lyon invadiu a pequena casa onde seu corpo repousava. Logo começou a espalhar-se um clamor: como o santo bispo morrera em Lyon, Lyon devia guardar seu corpo. Esse desejo ia-se tornando mais consistente de dia para dia, de tal modo que o fiel Rolland decidiu acelerar os preparativos da partida para a Saboia. O corpo do defunto já fora colocado numa padiola, e seria transportado por duas mulas, quando o Senhor Olier, intendente da província se opôs à partida.

Necessitou-se da a tenacidade e da diplomacia da Madre de Chantal para conseguir que os lioneses restituíssem a Annecy os preciosos restos mortais de seu bispo! Enquanto ela “ordenava” (o termo é da própria Joana) à Madre de Blonay, superiora da Visitação de Lyon, que de nada descuidasse nesse sentido, escreveu de seu próprio punho, ao Duque de Saboia e aos magistrados de Annecy, pedindo que comparecessem ao locutório da Visitação, o oficial da diocese e o Decano do cabido, a quem mostrou o testamento em que Francisco exprimia seu desejo formal, de repousar na capela do mosteiro da Visitação de Annecy. E, por fim, à força de diligências, conseguiu que o corpo fosse devolvido à província da Saboia.

Quanto a Madre de Blonay, censurada por ter obedecido a essa ordem, dada pela Madre de Chantal, deixou levar o corpo de seu Fundador para Annecy, respondeu: *“Eu não só entreguei (sic) de boa vontade, o corpo do (sic) meu Fundador, mas à voz da minha digna Mãe, teria até entregado o corpo vivo do (sic) meu Senhor Jesus Cristo, se estivesse de posse,(sic) de um tão precioso tesouro”*.

Quando o corpo de Francisco chegou a. Colocaram-no Annecy, ele foi levado para a capela da Visitação, foi colocado muito perto da grade do coro das religiosas durante três meses, enquanto esperava que se arranjasse um lugar conveniente para erigir seu túmulo.

Na última entrevista que os dois santos tiveram, São Francisco de Sales disse Madre de Chantal que em Annecy atenderia às necessidades de sua alma. Querendo, pois obedecer-lhe, mesmo depois da morte, como sempre lhe obedecera durante a vida, veio ajoelhar-se perto do túmulo e descobriu ao seu bem-aventurado Pai, todo o seu interior. Só Deus sabe do que se passou naquela sublime confiança e das inefáveis consolações com que o santo Bispo fez entender a Madre de Chantal que a tinha ouvido e compreendido. Quando voltou para a Comunidade, as Irmãs notaram que ela vinha iluminada e como que transfigurada.

A herança

Quando São Francisco de Sales morreu, a Visitação somava treze mosteiros. Quando, por sua vez, a Madre de Chantal morreu, em dezembro de 1641, deixou oitenta e sete. Em dezenove anos, terá fundado setenta e quatro casas da Ordem.

O que ela herdou, em dezembro de 1622, foi espírito, muito mais pesado do que gerenciar bens materiais: o espírito salesiano. E isso não só nos mosteiros da Visitação, mas em todo o povo cristão.

De fato, o choque espiritual provocado na França e até na Europa, em virtude do testemunho de vida pelos escritos de Monsenhor de Genebra, sua *Introdução à Vida Devota*, o seu *Tratado do Amor de Deus*, suas inúmeras cartas, tudo isso fez sentir, por toda parte, um sopro de santidade. E cada um sentiu perfeitamente que a herdeira desse novo sopro que passou sobre a Igreja era a Madre de Chantal.

Ela irradiava sua santidade pessoal, isso é incontestável. Dessa santidade pessoal, pura graça de Deus, Francisco de Sales, como todos sabem, foi, durante 18 anos, o respeitoso intérprete, o humilde guia e o seguro suporte.

Joana de Chantal assumiu sua missão com tal segurança, tal fidelidade e tal firmeza que só espantariam aqueles que não conheciam sua infância e sua juventude.

Trabalhos para levar a seu termo a obra de São Francisco de Sales

Daquele momento em diante Madre de Chantal estava sozinha e toda a Ordem repousava sob sua vigilância.

Fundadora? Ela se defendia vigorosamente e não aceitava o título. Entretanto, apesar de suas negativas, todos a consideram como tal..

É ela que, pela limpidez de seu discernimento, pela sabedoria de seus conselhos, por sua fidelidade inquebrantável ao espírito do Santo Fundador, permitia a realização da obra iniciada e a superação das inevitáveis dificuldades. Ela sabia tanto exercer sua vigilância, conquistando os corações, quanto suscitar o consentimento geral, antes das grandes decisões, seja em relação à redação definitiva do Costumeiro e do Diretório da Ordem, seja quanto às difíceis questões, concernentes aos meios de união, entre o grande número de mosteiros.

Sua última conferência com o Fundador deu-lhe a certeza de sua vontade, de seu desejo de que a Visitação jamais tivesse uma superiora geral. E ela estava disposta a defender sua vontade a todo custo.

O tempo de Francisco de Sales fora sempre tão cheio de ocupações diversas, e sua morte tão súbita que era necessário reunir, e por em ordem seus numerosos papéis, notas pessoais, memórias, cartas, sermões e projetos de obras. A Madre esforçou-se, desde os primeiros meses de 1623, em recopilar tais riquezas. Alguns desses escritos interessavam diretamente à Visitação. Era um trabalho delicado organizar tudo isso, sendo necessário extrair desse conjunto, para toda a Ordem, um Livro de Costumes, um Cerimonial e um Diretório, para as diversas etapas da profissão.

A Madre de Chantal aplicou à tarefa, seu espírito de organização, submetendo-se, de forma conscienciosa, ao pensamento do Santo Fundador. E para bem mostrar que pretendia, a partir de então, ser a fiel e a primeira observante do pensamento de Francisco e da Regra, aproveitou a ocasião que lhe pareceu favorável.

***Madre de Chantal ajusta sua conduta à lei
comum***

Aproximava-se a Ascensão (25 de maio de 1623). Segundo as regras da Visitação, no sábado, depois da Ascensão, as superiores que exerciam a autoridade há três anos deviam demitir-se de seu cargo e, enquanto esperavam nova eleição, postar-se no último lugar, a fim de praticar a obediência.

Ora, desde 1610, Francisco de Sales eximira a Madre de Chantal dessa lei. De três em três anos, Joana fora reeleita superiora de Annecy, sem nunca ter sido deposta.

A Madre de Chantal julgou ter chegado o momento de se submeter à lei comum. A 27 de maio, tendo-se reunido a comunidade, pensando que se procederia, como até então, a uma simples eleição, a Madre demitiu-se de seu cargo, para grande admiração de todas as irmãs.

Eis o relato que ela própria fez dessa ocorrência à Madre de Blonay: *“Gostaria de poder descrever-vos a surpresa que foi para nossas irmãs a minha demissão. Eu não lhes dissera nada! e elas pensavam que se pretendia proceder apenas à eleição. Nunca se viu tal espanto nem emoção, frente aos quais eu não me detive, seguindo a minha Regra. Reuniram-se em conselho, sem me dizerem nada, concluindo que tinham cometido um grande erro, quando da minha eleição; declarariam que não aceitavam a minha demissão, e que me elegeriam como superiora perpétua. Eu, que não estava a par de nada disso, fiquei espantada, quando o superior disse isso em voz alta. Aceitei o cargo, não perpetuamente, mas segundo a Regra. Depois tentei convencê-las que tinham errado. Não foi possível persuadi-las de tal fato. Pelo contrário, elas sentiam vergonha de não terem impedido a minha demissão de imediato. Eu não tinha nada a ver*

com as outras superiores. Elas reconheciam-me por isso ou por aquilo (grandes tolices!) que não era intenção de Monsenhor que eu fosse deposta, mas, sim, eleita; que outros mosteiros gostariam de me eleger como sua superiora, o que elas nunca permitiriam. Enfim, se eu fosse a sua fundadora ou alguém de valor, elas não usariam de mais argumentos”.

Essa última frase não é acadêmica, e esse relato não constitui, segundo Joana, um episódio encantador destinado a divertir a sua correspondente. Joana consulta a sábia Madre de Blonay, pois disso depende a vida do Instituto: “*Suplico-vos*”, continua a carta, “*que considereis se ainda posso fazer mais alguma coisa sobre esse ponto, a fim de que daí não decorra conseqüências negativas para os outros mosteiros, pois, por nada do mundo se deve lesar o nosso Instituto*”.

Os três anos de que dispõe serão ser utilizados pela Madre de Chantal na grande obra de completar a legislação do Instituto. Joana não quis que essa obra fosse só sua. Decidiu convocar, para 1624, em Annecy, as primeiras Madres da Ordem, aquelas que tinham conhecido mais intimamente Francisco de Sales e que seriam as mais fiéis intérpretes do seu pensamento: nomeadamente Madre Favre, Madre de Brécharde e Madre de Chatel.

O ano de 1624 teve início com uma fundação em Chambéry. A ela procedeu a própria Madre de Chantal. regressou a Annecy no dia de Pentecostes, e realizou então a assembléia das Madres da Ordem.

A Assembleia do Pentecostes de 1624

Começaram todas juntas a redigir, num só corpo o livro de Costumes, o Cerimonial, o Diretório e outros bons conselhos muito úteis para a perfeição religiosa. A Madre de Chantal aproveitava todas as ocasiões para citar São Francisco de Sales,

Recusava-se a dizer ou a estabelecer fosse o que fosse por si própria, embora as outras Madres lhe suplicassem que agisse como Mãe comum e como Fundadora da Congregação.

“Isso não”, replicava ela... “mas, visto que me permitis, agirei como a irmã mais velha da família que mais comunicou com o pai do que as outras”.

Terminada a redação do Livro de Costumes, a Madre de Chantal pegou nele e, levando consigo toda a Assembleia posou o pequeno volume sobre o túmulo de Francisco. Enquanto rezava pediu-lhe que se houvesse alguma palavra que não fosse segundo as suas intenções, apagasse-a.

Ora, Deus fez-lhe ter um sentimento interior de que tudo o que estava contido naquele livrinho correspondia verdadeiramente às intenções do Fundador. Depois o Livro foi lido de ponta a ponta, diante da Comunidade.

Em seguida, as irmãs fizeram um ato capitular, declarando que tudo o que tinham ouvido ler, era consoante ao que Francisco de Sales mandara praticar naquele mosteiro de Annecy.

Depois de o Livro de Costumes ter sido devidamente aprovado por Monsenhor João Francisco de Sales, todas aquelas boas Madres regressaram, cada uma, a seu mosteiro.

Pelas suas conferências dirigidas às irmãs, pela sua correspondência e, de modo especial, pelas *Respostas* que dava às perguntas das irmãs durante os recreios, a Madre de Chantal comentaria e explicaria, durante os dezessete anos que ainda viveu, *as Constituições, a Regra e o Livro dos Costumes*, nutrindo sempre o mesmo respeito pelo pensamento de São Francisco de Sales e o mesmo cuidado para nada introduzir de seu.

Jamais aceitou tanto o título de Madre Geral quanto o de fundadora. Consentiu apenas que a nomeassem “Mãe Comum”. Aproveitou ainda as muitas ocasiões que se lhe apresentaram para se demitir de seu

cargo de superiora de Annecy, objetivandoe para viver como simples “irmã mais velha” entre suas irmãs.

Ocupou-se, simultaneamente, da publicação de cartas e de escritos inéditos de seu “Bem-Aventurado Pai”, da coleção de testemunhos e de documentos com vistas à sua beatificação e posterior canonização. Um trabalho considerável.

Dotada de solicitude infatigável

Embora em meio a tarefas absorventes, Madre de Chantal não se esqueceu de que era mãe. Seus filhos, ela sempre os cercou dos mais afetuosos conselhos. Éra ainda ela quem os guiaria a uma vida matrimonial feliz.

Francisca, em quem incansavelmente procurou firmar uma piedade sempre prestes a se dissipar na frivolidade e nos bens deste mundo; e Celso Benigno, o filho brilhante, que muito a fizera sofrer em virtude de suas extravagâncias e aventuras de toda espécie. Com tudo, em consequência os dois irmãos mostram-se orgulhosos da mãe que tem.

Eis Joana à frente de 50 mosteiros (todavia não é o final). Ao morrer, serão 87. Autônomos, certamente, mas todos contando com a Madre de Chantal É tal superiora, tal benfeitora, tal bispo que perturbam a paz das comunidades. Um, por suas pretensões de reformar

suas constituições; outro, por suas exigências incompatíveis com a vida monástica...

E, em meio a tudo isso, sem cessar, a preparação de novas fundações ou as visitas aos mosteiros recém-fundados. E centenas de quilômetros sendo percorridas a cavalo.

Sempre que possível, evitam-se carruagens e liteiras, meios muito onerosos para quem fez voto de pobreza. Chegará, entretanto, o tempo em que, por causa da idade, Madre de Chantal precisará viajar em liteira. Aos 67 anos (idade avançada para uma época em que a medicina era muito pobre em conhecimentos e recursos), ela tinha, muito vigor e, sobretudo, grande energia espiritual para ir fundar um mosteiro em Turim, atravessando a passagem do grande “São Bernardo”, em intermináveis jornadas, por ásperos caminhos e “lugares lúgubres”...

O Monte Calvário

“A Visitação está fundada espiritualmente sobre o Monte Calvário, a serviço de Jesus Cristo crucificado, à imitação do qual todas as Irmãs devem crucificar seus sentidos, suas imaginações, paixões, aversões, inclinações e humores, por amor do Pai celeste” (Constituições).

As feridas não foram poupadas. Foi no Calvário que ela vai estabelecer sua morada, a fim de alcançar o mais alto grau de amor. Pouco a pouco, ergueu-se, em torno da Madre de Chantal, uma grande solidão.

“Tantos mortos... e, ainda, tantos peregrinos que se apressam a partir para a morada eterna”.

Celso Benigno morreu, corajosa e cristãmente, aos 31 anos, no cerco de La Rochelle, em 1627. Quanta angústia suportou por esse filho que gostava de jogar com a vida em contínuos duelos! Sem cessar, orava e pedia orações por ele.

Outros lutos ainda se sucederam, pondo à prova cruelmente sua sensibilidade, sem, entretanto, jamais diminuir as qualidades de seu coração caloroso

. Em 1633, sua nora, viúva de Celso Benigno; pouco depois, seu genro, marido de Francisca. Da família não restou senão Francisca com seus dois filhos, e a pequena Maria, filha de Celso Benigno, órfã de pai e mãe aos sete anos.

A seguir, em 1637, faleceram as três primeiras Irmãs que entraram com Joana na casa da Galeria. Nelas havia depositado muita confiança, e delas havia sempre recebido apoio nas dificuldades. Seria, também, ela que veria partir seu irmão caçula, André, tendo antes a alegria de ver a conversão espiritual dele.

O antigo Arcebispo de Bourges havia, até então, levado, vida honrada, todavia exageradamente mundana, fonte de tristeza para sua irmã. Depois de grave enfermidade, seguiu seus conselhos, chamando-a desde então de “a santa diretora de minha alma”.

Provas terríveis, vividas por ela, serviram para exaltar tanto sua fé e sua submissão à vontade de Deus, como ainda a vivacidade e o ardor de sua ternura maternal e todo o grandíssimo conjunto de qualidades naturais e divinas que fizeram dela tão sublime alma.

Vinte e cinco anos depois

Vinte e cinco anos se haviam passado desde a fundação da Ordem da Visitação, e já 65 mosteiros tinham sido fundados na França, na Suíça, na Saboia, na Itália. Além desses, cerca de mais de uma dúzia estava em vias de estabelecimento. Essa difusão tão rápida excitava a admiração e, ao mesmo tempo, inspirava receios.

Durante a vida da Madre de Chantal não havia, sem dúvida, perigo algum. Ela era o vínculo da Ordem, seu centro e sua vida. Governava-a em razão de seu título de fundadora e de filha primogênita de São Francisco de Sales, de sua refulgente virtude e das atividades e energias de seu caráter.

Entretanto quem poderia garantir o futuro da Ordem? Qual seria a sorte dessas casas isoladas, independentes umas das outras, sem terem sequer superiores gerais, visitadores, assembleias e capítulos anuais?

Esses pensamentos preocupavam vivamente as pessoas piedosas. São Vicente de Paulo pensava nisso constantemente, e muitos bispos, dedicados à Visitação, manifestavam igualmente os mesmos receios.

Como em 1635 seria convocada uma assembleia geral do Bispado em Paris, julgou-se a ocasião propícia para submeter esse importante tema ao exame dos bispos que a essa cidade acorressem.

Comunicaram esse projeto a Monsenhor João Francisco de Sales, Ele o aprovou e creu necessária a presença de Madre de Chantal em Paris. Decidiu-se que ela partiria para a França, não sem antes consultá-la, perguntando-lhe o que lhe dizia o coração sobre essa viagem. *“Há muito tempo, respondeu ela, que o não consulto sobre coisa alguma, mas quando mesmo eu o consultasse, ele não me responderia senão que devo obedecer”*.

Durante o longo debate nessa reunião, Madre de Chantal conservou-se silenciosa, modesta e recolhida. Quando deram a matéria por discutida, tomou ela a palavra, e disse:

“Peço licença para lembrar que este assunto não é novo, que havia sido longo e seriamente debatido mesmo em vida de nosso Fundador Francisco de Sales; e na última conferência que tivemos falamos durante duas horas sobre este ponto e ele me disse então, que era da vontade de Deus, que a Visitação não tivesse superiora geral. Em conformidade eu também julgo que as coisas devem conservar-se tais quais estão”.

Depois, abrindo o livro das Constituições, mostrou aos bispos como o Fundador tinha prudentemente regulado e providenciado acerca da conservação do mesmo espírito na sua Ordem; que, para estabelecer a união, não tinha recorrido à autoridade, mas, rogado em nome da caridade, o que era muito mais eficaz; e que, se esse meio de governo tinha inconvenientes, era muito possível que fossem em menor número que dos outros modos de governo.

A essa exposição, feita naquele estilo claro, nítido, conciso e firme que caracterizava a Madre de Chantal, aqueles bons senhores, em respeito à prudência do Santo Bispo, disseram: “Que mais queremos? O Fundador fala e deixa um meio de união, não de autoridade, mas de caridade, mais doce e mais sólido. Não é preciso procurar outro”.

Assim terminou essa assembleia, em que brilharam, com vivo esplendor, as qualidades da Madre de Chantal realçadas pela sua profunda humildade.

Visita a vários mosteiros

Terminado o que tinha a fazer em Paris, Madre de Chantal partiu, no mês de setembro, em visita aos sete mosteiros da região e visitou muitos outros no ano seguinte.

Nessas viagens de um mosteiro a outro, nunca interrompia algum dos seus exercícios espirituais. Mesmo a diversidade dos sítios por onde passava não a tirava de seu recolhimento.

Se se via algum lugar bonito, observava-o rapidamente e logo volvia seu pensamento ao céu, como para mostrar que as belezas da natureza não se comparavam aos esplendores celestiais.

Se passavam por caminhos escabrosos, cercados de precipícios, sorria vendo o susto de suas jovens companheiras. E não havia perigo algum que fosse capaz de lhe arrancar um grito ou uma expressão de terror. Sua distração era cantar cânticos espirituais ou falar de Deus, quando então seu rosto tornava-se resplandecente como um astro.

Muitas vezes não encontrava nas aldeias, como alimento, senão leite, pão negro e queijo branco. Ficava tão contente que transmitia sua alegria às outras, aceitando tudo com paz e exultação.

Paz, alegria, exultação, eis os traços que caracterizavam essa odisséia de Madre de Chantal entre suas filhas. O único aborrecimento para ela eram aquelas “ovações”, aqueles “louvores”, aqueles “trunfos” com que as multidões a cercavam ao longo de todo o seu itinerário. Nada podia magoar mais vivamente aquela grande humilde que já experimentava, dentro de si, penas terríveis.

Depois de visitar os mosteiros do sul da França, desejou visitar outros conventos. No entanto, recebera ordem, antes de partir para Paris, de regressar a Annecy logo que possível. Aquelas viagens e visitas em ritmo acelerado tinham alterado, um pouco, suas forças. Seria imprudente passar o inverno a percorrer longos caminhos. Retomou, portanto, a estrada de Saboia, sentindo-se, no fundo, feliz por encontrar a solidão e o silêncio. Por volta do mês de outubro de 1636, chegou a Annecy.

As tentações de Madre de Chantal

Já, por várias vezes, nos referimos a elas de passagem, o que talvez tenha intrigado o leitor. Sem analisar a fundo a admirável via mística da Madre de Chantal, aproveitemos este tema para dizer algo sobre o

assunto. De fato, foi ela quem nos entreabriu o coração, por meio das confidências que redigiu em 1637 para Madre Perône Maria de Chatêl, sua superiora.

Para tirar de nossa bem-aventurada Madre tudo o que podia e da forma mais autêntica possível, Madre de Chatêl fingiu, certo dia, não ter tempo para conversar com ela e ordenou-lhe que escrevesse num papel quais eram as disposições de seu coração. Madre de Chantal obedeceu com simplicidade, escrevendo, no verso de uma carta, aquilo que sentia.

Da longa confidência só foi transcrito o essencial. Eis, primeiro que tudo, o ponto em que se situa a prova: *“Escrevo acerca de Deus”, diz Madre de Chantal, “e falo d’Ele como se sentisse plenamente Sua presença; e isso porque quero e creio nesse bem, considerando-o, segundo me parece, acima da minha dor e aflição, e não desejo senão esse tesouro de fé, de esperança e de caridade, e fazer tudo o que puder entender que Deus quer de mim.”*

Naquele estado, Joana experimentava aquilo a que se chama a “contradição mística”, ou seja, a aliança, no seu interior, de dois estados que habitualmente se excluem: *“É um tormento inexprimível, o qual, contudo, não me impede de me aplicar, de escrever, de falar de negócios e de outras coisas, não obstante o fato de que o*

mal, quando é grande, está quase sempre diante dos meus olhos.”

Então aquela alma, por muito corajosa que fosse, sentia a vertigem e experimentava uma espécie de desespero: *“Isso me faz desejar a morte, temendo que a duração da minha pena, me faça vacilar”*. Vacilar, quer dizer, cair numa dúvida que ofendesse o Coração tão sensível de Deus: *“Gostaria de estar no Purgatório para em nada O ofender e ter a garantia de pertencer a Deus eternamente.”* Contudo, recusava-se a secundar aquele desejo, ou seja, assumi-lo. *“Pois, desde que Deus não seja ofendido em tudo isto e que lhe aprouver que eu sofra toda a minha vida, fico contente, com a condição de que eu saiba (sic), o que Ele deseja que eu faça e que lhe seja fiel.”*

Tratava-se, sem dúvida, da prova de sua fé. *“Por vezes e com freqüência há uma confusão de trevas e de impotências do meu espírito, pensamentos, rebeldias, dúvidas, rejeições e de todas as outras misérias. Quando o mal é extremo elas são quase contínuas, o que me causa uma aflição inconcebível e eu não sei o que estaria disposta a fazer e a sofrer para ser libertada deste tormento; Por um lado a dor pressiona-me, por outro sinto tanto amor por esta santa fé, que gostaria de morrer pelo menor artigo da mesma (sic)”*.

Outrora, no início dessa prova, Joana fazia um ato profundo de “abandono” e reencontrava certa paz nas “profundezas do seu espírito”. Depois, nem esse remédio a curava: *“É para mim um martírio (...) sentir-me privada da confiança e do repouso que saboreava outrora num perfeito abandono nas mãos de Deus e da sua Providência. Quando contemplo estas privações, por pouco que seja, parece-me estar à beira do desespero, sem, contudo, poder desesperar nem querer estar fora do meu tormento se me garantem que Deus me quer aí, mas também me sinto impotente para aceitar o mal que a tentação me apresenta; essa impotência, porém, é para mim desconhecida enquanto o mal dura”*.

“Nessa noite, porém, em certos clarões fortuitos, Deus deixa-me entrever que Sua mão me “segura”, ou antes, “me segurou” acima desse desespero e, depois de ter visto que Ele me segurou por vezes, não deixo de gozar de certa paz e suavidade interior muito frágil, de sentir ardentes desejos de não ofender a Deus e fazer todo o bem que puder”.

Essa cruel prova não só não afetava sua ação espiritual junto as suas filhas, mas foi, sem dúvida, a fonte de sua eficácia. Joana fez, mais tarde, em 1641, esta confidência surpreendente a Madre de Blonay: *“Sinto-me subitamente atacada por todas as tentações espirituais de que me falam as minhas filhas; Deus dá-me palavras*

para lhes dizer e consolá-las, e eu fico na minha miséria”.

Regressemos, por um momento, a essa abertura de consciência que Madre de Chantal escreveu, em 1637, “no verso de uma carta” para Madre de Chatel. Tomemos bem consciência de que esse texto foi escrito pela sua mão, o que faz dele uma chave incontestável daquele “jardim selado” onde ela convivia com seu Deus bem-amado.

Seu abandono a Deus e à Santa Providência

Era a medula e o suco de todo o interior de nossa Santa Madre: o grande abandono entre as mãos de Deus. Desde seu começo, esse foi seu atrativo. Ela fez exercícios espirituais expressos para realizar esse inteiro sacrifício de seu livre arbítrio e despojamento, de que fizera uma oblação solene, como com os outros seus votos, renovando-o todos os anos, a conselho de seu Santo Diretor.

Só é possível entender o caminho espiritual de Madre de Chantal se não perdermos de vista esse seu atrativo, reconhecido como desígnio de Deus para ela que o abraçou com todo o ardor. Seguindo a orientação de São Francisco de Sales, fielmente praticou esse exercício e chegou ao ponto que ele havia profetizado: da perfeita e inteira nudez.

Deus ali situara a mão para despojá-la, despi-la de tudo o que lhe podia dar satisfação e apoio tanto exterior como interior, para fazê-la seguir, despida de tudo, o Senhor despido. Quanto mais adquiria virtudes por uma constante e fiel prática, mais Nosso Senhor a despojava, de sorte que, como se ela nada tivesse feito nem adquirido, ela se via sempre pobre e nua, e assim abandonada a Deus.

Quanto mais essa santa alma fazia coisas grandes para Deus, mais sua bondade permitia que sua perfeição brilhasse aos olhos de todo o mundo, mais se escondia a ela mesma tão absolutamente que, quando todos a viam e acreditavam-na santa, ela se via despida de todas as virtudes e tremia em razão dos julgamentos de Deus, crendo-se indigna de Suas misericórdias.

Deus, como Senhor amoroso, para provar o amor fiel de Sua serva, depois de lhe ter dado muitas graças, alegrias e suavidades, tirou-lhe tudo, como se ela fora uma má doméstica. E, ainda assim, ela se abandonou à Sua conduta.

Eis o que escreveu a esse respeito: *“Depois da oração da tarde, percebi que Deus retirara e levará todas as virtudes e graças que em sua (sic) bondade me dera outrora e me retirava também dele (sic)”*.

Ela ficou ali, retirada em Deus, em sua maneira simples, constante no bem e contente com a vontade de

Deus, em seu abandono e entregue a tudo. Levou, durante sua vida, e queria conduzir, depois de sua morte, as palavras escritas por ela e assinadas com seu sangue, com o qual ela fez, inteira e incondicionalmente, a Deus o sacrifício de sua vontade.

Como complemento do que foi dito acima sobre o abandono de Madre de Chantal nas mãos de Deus, relatamos um episódio acontecido no ano de 1632.

O “martírio de amor”

No dia de São Basílio (14 de junho, segundo o Calendário antigo), a Santa Madre presidia ao recreio da Comunidade, quando foi subitamente arrebatada pelo amor divino com tal violência que perdeu a fala. Fechou os olhos, e seu rosto se iluminou. Quis fiar na roca, para vencer essa comoção e disfarçá-la, mas não lhe foi possível encobrir o que se passava no seu interior. Disse às Irmãs que cantassem alguns cânticos, e ela mesma cantou alguns versos de estrofes compostas por Madre de Bréchar. Essas doces harmonias moderaram um pouco seu arroubo. Sentindo-se mais serena, animou-se a retomar a conversa e prosseguiu com ardente entusiasmo.

“Minhas queridas filhas, nem São Basílio, nem a maior parte de nossos Santos Padres e colunas da Igreja foram martirizados, por que será, de acordo com o vosso entendimento?”

Depois da resposta de cada uma, continuou: “*Eu creio que é porque existe um martírio que se chama martírio de amor, no qual Deus, sustentando a vida de seus servidores e servidoras, para fazê-los trabalhar para sua glória, os torna mártires e confessores ao mesmo tempo*”. Depois acrescentou: “*Eis o martírio ao qual são chamadas as filhas da Visitação*”.

Uma Irmã perguntou-lhe em que consistia este martírio. “*Dai a vossa vontade a Deus,- respondeu-lhe - e o sentirás. O amor divino crava a seta até ao mais recôndito das nossas almas, e separa-nos de nós mesmas. Eu conheço uma alma*”,- continuou ainda -, “*a quem o amor separou das coisas que lhe eram mais sensíveis, de uma maneira mais completa do que os tiranos lhe separariam o corpo da alma com o fio da espada*”.

E quanto tempo dura esse martírio? Disse a Irmã: “*Desde o momento em que a alma se entrega a Deus até a hora da morte. Mas isto entende-se dos corações generosos, que, sem se retratarem (sic) são fiéis ao amor, porque os corações frouxos, Nosso Senhor não se emprega em martirizá-los; contenta-se de os deixar seguir o seu caminho, receando que lhe escapem se os apertar*”.

E esse martírio de amor, replicou outra Irmã, poderá igualar-se ao martírio corporal?

“Sem dúvida um não é inferior ao outro; porque o amor é forte como a morte (sic) e os mártires de amor sofrem mais (sic) conservando a vida para cumprir a vontade de Deus, do que se dessem mil vidas em testemunho da sua fé, do seu amor e da sua fidelidade”. Assim terminou a sua confiança, fielmente registrada pelas Irmãs.

Seu abandono era inteiro e verdadeiro, e seu amor a Providência divina, real e sólido. Tinha sempre na boca essa palavra da Escritura: “Pai eterno, Vossa Providência governa todas as coisas”. E sob esse governo, ficava em paz.

Ela era, sem cessar, chamada por Deus a viver aquilo que a ultrapassava. Sua sede a levava constantemente em direção a esse “além”... Era preciso também que ela, a primeira de sua linhagem, a primeira visitandina, tirasse os espinhos do caminho, experimentasse, em si mesma, as asperezas, as dificuldades, os obstáculos. Isso a fim de que pudesse reconfortar e guiar as outras.

É assim que a vemos a iluminar, com sólido equilíbrio, o caminho de todos aqueles e aquelas que buscavam, junto a ela, a sabedoria de uma experiência espiritual e mística profunda.

Agindo assim, permanecia, muitas vezes, em seu próprio nevoeiro, nas suas trevas de claro-escuro, que ela

não sentia, mas queria e conhecia pela fé, a verdade e o amor.

Ela foi instruída por uma divina inteligência acerca de realidades místicas e secretas. E nada vendo senão por meio da fé pura e simples, vivenciou experiências saborosas com relação ao que não se podia tocar e ver.

***4 de agosto de 1632: abertura do túmulo de São
Francisco de Sales***

Há dez anos repousava, na sua pequena capela, o corpo do santo bispo. E as multidões de peregrinos cresciam continuamente. As paredes do santuário cobriam-se de ex-votos. Na sacristia, acumulavam-se os preciosos presentes dos senhores e dos ricos. Porém mais comoventes eram as oferendas dos pequenos e dos humildes. Os pobres traziam para o túmulo um pouco de pano vermelho, uma boneca de cânhamo, dois ou três punhados de trigo e alguns franguinhos como testemunho das graças obtidas mediante a oração a Francisco de Sales e a sua poderosa intercessão.

Os juízes eclesiásticos, enviados para visitar seu túmulo, tendo por fim a sua beatificação, fizeram o balanço de todas essas homenagens do povo de Annecy e de sua região.

Em seguida, retirou-se do túmulo a dupla urna de madeira e de chumbo. Abriam-na. Apareceu então “aquele belo corpo, fresco e inteiro”. A emoção da assistência foi intensa.

As portas permaneciam fechadas. O povo, fora, batia sem cessar até que uma das portas cedeu, e o povo invadiu o santuário. A noite ia chegando, mas o povo não se retirava. Foi preciso que um dos eclesiásticos ameaçasse com a excomunhão quem se recusasse a sair.

No meio dessa exultação popular, Madre de Chantal rezava ajoelhada junto da grade, olhos fixos no santo corpo, imóvel. Os comissários apostólicos tinham proibido que se tocasse no corpo de Francisco. Joana obedeceu.

No dia seguinte, obtida a licença, quis beijar a mão de seu “único Pai”. Foi então que se produziu o fato confirmado por várias testemunhas dignas de fé. O braço de Francisco estendeu-se e pousou docemente na cabeça coberta pelo véu da Madre de Chantal.

As fundações se multiplicam

Estávamos nos anos que se seguiram à abertura do túmulo de São Francisco de Sales, na primeira metade do século XVII. Um sopro de “Primavera espiritual” passava sobre a França, ainda mais reavivado nos últimos dois anos pela grande devastação da peste. Todas as

Congregações religiosas conheceram uma renovação de vida e de vocações, o que resultou na multiplicação de mosteiros e conventos.

A Visitação se beneficiou, de modo particular, de tal impulso, sem dúvida sob a influência da nomeada fama de santidade de Francisco de Sales e do apreço aos seus escritos que indicavam às almas a via de uma espiritualidade aberta e segura. Ora, o Instituto da Visitação aparecia, a justo título, como o fruto mais puro de tal espiritualidade.

No entanto, sabia-se que, para fundar a Visitação, Francisco de Sales tinha se aliado a Madre de Chantal, que em todos exercia uma atração irradiante. Todos os documentos atestam que ela emanava, à sua volta, um encanto extraordinário, gracioso, que lhe era natural, era-o pela sua raça, mas o era sobretudo pela sua graça.

Parte da extraordinária “bondade” que emanava do Bispo de Genebra tinha passado, de modo incontestável, para sua filha predileta. Ela exercia uma atração evangélica sobre quem quer que a encontrasse em seu caminho e com ela conversasse. Sua reputação de bondade crescia continuamente. Durante sua vida, e muito contra sua vontade, saudavam-na como santa.

Todas essas razões e outras mais provocaram um afluxo de vocações. Madre de Chantal travava, o mais possível, as fundações, mas, apesar de sua prudência, as

casas multiplicavam-se. *“Nós nos multiplicamos demasiado”*, escreveu ela certo dia, *“eu não cesso de dizer, mas ninguém acredita em mim”*.

Não pensemos que essa explosão primaveril teve lugar sem “aguaceiros” ou “tempestades”. Famílias, parlamentos, magistrados, por vezes os próprios bispos erguiam, diante das fundações, todos os obstáculos de que dispunham, segundo a lei e o direito.

De um modo geral, não por hostilidade, mas em razão de as cidades já estarem sobrecarregadas de mosteiros, de igrejas e de capelas.

No entanto, fosse qual fosse o motivo, essas oposições criavam, por vezes, situações conflituosas. Foi assim com Madre Favre que, com seu “enxame” fundador, teve de acampar, durante seis semanas, diante das portas de Troyes. Embora tenha sido o bispo que as chamara, os magistrados recusaram-lhes a entrada na cidade!

Na verdade, não eram essas dificuldades que inquietavam Madre de Chantal. Ela temia pela qualidade do espírito religioso e pela pureza do espírito salesiano nesses mosteiros multiplicados às pressas.

“Meu Deus”, dizia, em 1633, *“já temos 59 mosteiros! Esta multidão de casas que não temos meios*

para sustentar tanto a nível espiritual como temporal provoca-me uma dor imensa”.

Desejava ela que só se abrisse nova casa se dispusesse de uma excelente superiora e de um núcleo de religiosas bem firmes: *“Meu Deus, que gosto teria eu que nos estendêssemos mais do lado da raiz do que do lado dos ramos!”.*

A vida, porém, levava a melhor: “Ai de mim”, ela escreveria em breve, “o Instituto expande-se tanto! O número de nossas casas já ultrapassa as setenta!”

Esse desenvolvimento do Instituto levantava à Fundadora vários problemas. Consciente de suas responsabilidades, essa venerável religiosa, cansada e atormentada por penas interiores, fez frente à situação. Veremos com que força de alma, ela a enfrentou.

Em 1635, Madre de Chantal terminava seu segundo triênio. Foi, portanto, substituída, segundo as Constituições. A comunidade escolheu, para suceder-lhe, Madre Maria Perone de Chatel, e ela foi ocupar seu último lugar tão desejado. Enquanto vivia assim, gostava de se comportar em tudo como a última das religiosas. Tal postura era, para ela, uma verdadeira alegria espiritual.

Último triênio de Madre de Chantal

No mês de junho do ano de 1637, chegou de Chambèry, onde era superiora, notícia da morte de Madre Maria Jaqueline Favre, primeira filha e fiel companheira de Madre de Chantal. Por ordem da autoridade diocesana, Joana dirigiu-se a Chambéry para prestar assistência às suas filhas. Passou aí várias semanas, até ser eleita nova superiora. Em seguida regressou a Annecy.

No dia 22 de outubro, Deus chamava a Si Madre Peronne Maria de Chatel. Era necessário prover a sucessão dessa grande superiora. A escolha da comunidade recaiu, mais uma vez, sobre Madre de Chantal.

Ela recebeu esse cargo com muitas lágrimas e grande relutância, mas aceitou-o como sendo da mão de Deus e por obediência.

Esse último triênio da fundadora coroou, de certo modo, toda a sua obra e até sua vida. Ela não só esforçou-se para que ele chegasse a bom termo, como foi notável para fortalecer aquela casa numa grande observância. Segundo ela, dera-lhe Deus luz e disposição, inclinação do que deveria pôr, sobretudo seu cuidado em bem arraigar a união, pois da união dependia todo o bom andamento da casa. Sobre esse triênio, Madre de Chaugy, sua primeira biógrafa, fez preciosa apreciação, que devemos guardar. É, de certo modo, o retrato de Madre

de Chantal superiora, tal como ficará gravado na História. *“Apareceu com uma (sic) doçura tão extraordinária, tão plena e encantadora que mais parecia que esta divina qualidade de bondade e de doçura tivesse submergido a força eminente do seu caráter natural e o ardor ativo do seu zelo”*.

Em Annecy, o governo não era fácil. A casa estava bastante endividada, o que causou muitas preocupações a Madre de Chantal. Pôs corajosamente mãos à obra. Antes do fim de seu triênio, em 1641, com a ajuda de Deus, os assuntos temporais estavam organizados e as dívidas pagas. O gênio de organização de Madre de Chantal não vergara com a idade.

O ano de 1640

Na ardente existência de Madre de Chantal, o ano de 1640 aparece como uma paragem feliz. Viveu, no meio de suas filhas de Annecy, vida regular sem viagens, apenas ocupada com a glória de Deus e com o serviço das almas. Teve a consolação de ver instalar-se na diocese, a seu pedido, uma casa dos Padres da Missão, Filhos de São Vicente de Paulo e afadigava-se na preparação de tudo o que era necessário para ficarem bem instalados: *“Vede bem”*, dizia ela, *“quando penso que estes Padres se embrenharão por entre arbustos e espinhos das dificuldades e dos trabalhos para retirar dos vícios e dos erros as queridas ovelhas de nosso bem-aventurado Pai e*

Fundador, sinto-me rejuvenescer ao vê-los chegar a esta diocese”.

O que ela não disse foi que Vicente de Paulo ordenou aos seus missionários que recorressem a Madre de Chantal em todas as suas dificuldades e se aconselhassem com ela, tal era a confiança que tinha no seu discernimento apostólico.

Providente como sempre foi, começou a preparar (continuando a fazê-la no ano de 1641) sua deposição do cargo de superiora. Por ocasião de sua última eleição, anunciou que desejava que aquele fosse seu último triênio.

Para ficar mais sossegada, preparou, com mansidão, o espírito de Monsenhor Juste Guérin, para que ele nunca mais permitisse que ela constasse da lista das Irmãs propostas para serem superioresas, o que conseguiu.

Ao mesmo tempo, preparava a deposição de Madre de Blonay cujo mandato, em Bourg, terminava, para que ela fosse transferida para Annecy.

O projeto de Madre de Chantal foi bem sucedido. O Arcebispo de Lyon autorizou Madre de Blonay a regressar a Annecy. Ao ouvir essa notícia, Madre de Chantal sentiu grande alegria. Na quinta-feira, depois da Ascensão de 1641, Madre de Blonay seria eleita superiora

do mosteiro, e a Madre de Chantal poria humildemente sob suas ordens como o fizera por ocasião da Madre Maria Péronne de Chatêl.

Não mais exercendo o cargo de superiora, não mais constando da lista das irmãs que podiam ser eleitas para o referido cargo em algum mosteiro, Madre de Chantal podia esperar pelo término de sua vida como desejava, na querida Annecy, silenciosa, em oração, toda ocupada nas coisas eternas. Deus, porém, mais uma vez, i conduziu-a para onde ela não queria ir.

Novamente pelos caminhos da França

Mal Madre de Blonay se instalou como superiora em Annecy, Madre de Chantal foi eleita superiora pelas irmãs de Moulins. Como era evidente, recusou de imediato.

No entanto, havia em Moulins uma ilustríssima aspirante à Ordem, amiga íntima da Madre de Chantal, a senhora duquesa de Montmorency, que desejava fortemente receber o véu de suas mãos. A Madre e as Irmãs de Annecy tinham-se oposto a essa viagem, devido à idade avançada e à saúde de sua querida Fundadora.

Monsenhor de Genebra e os principais da cidade temiam que, se Madre de Chantal sucumbisse na França pelo cansaço da viagem, Annecy nunca mais recuperaria seu corpo. Escreveram ao duque de Saboia para que ele

proibisse a Madre de sair de seu território. A senhora de Montmorancy, porém, era uma importante e poderosa dama e uma santa.

“Minha querida Mãe”, escreveu ela a sua amiga, “todas essas recusas, não me desanimam; vós vireis e Deus fará por mim aquilo que os homens não querem fazer”.

Finalmente, frente a essa insistência e às diligências que se multiplicaram junto dele, Monsenhor de Genebra pediu a Madre de Chantal que lhe dissesse se ela considerava aquela viagem necessária. Respondeu-lhe que era esse, precisamente, seu sentimento. Essa viagem, afirmava ela, era desejada por Deus, para o bem do Instituto. Quanto a ela, estava feliz por consagrar suas últimas forças ao serviço de suas filhas. Que importavam sua saúde e o local de sua morte? O bispo, em razão disso, deu-lhe sua autorização para ela se dirigir a Moulins.

A partir do momento em que a decisão foi tomada, Madre de Chantal manifestou alegria extrema. Falou a todas as irmãs com bondade maternal. Contra sua forma de agir e seu hábito, mandou chamar os amigos e as amigas do mosteiro para conversar e dizer-lhes adeus.

Mandou escrever a todos os mosteiros para dizer-lhes adeus e pedir orações para sua viagem. Manifestou o desejo de falar à comunidade, a fim de recomendar-lhe,

mais uma vez, a união e o amor mútuo. Reuniu todas na sala das assembleias e, sem permitir que se ajoelhassem, abraçou uma a uma, dizendo a cada irmã algumas palavras ao ouvido. Depois lhes deu a bênção.

Em 28 de julho de 1641, Madre de Chantal deixou o mosteiro. No exterior, uma multidão se aglomerara, todos queriam vê-la e despedir-se dela. Fez então o que nunca fizera: deixou que aquela boa gente lhe beijasse a mão.

A exultação era grande, pois não julgavam que aquele adeus fosse por muito tempo. A boa Madre estava bem de saúde, com vigor e com semblante que esperava para ela, no dizer do médico, mais uns quinze anos de vida.

Madre de Chantal chegou a Moulins em 9 de agosto de 1641. Sugeriu, em seguida, que se procedesse a eleição da nova superiora. Logo, entre ela e a Senhora de Montmorancy, sua grande amiga, houve longas conversas espirituais, para satisfação recíproca.

Quando se soube em Paris que Madre de Chantal estava em Moulins, começaram a pedir que ela fosse até lá. A Rainha Ana de Áustria tinha o desejo profundo de conhecê-la. Por isso, pediu a Monsenhor de Genebra que induzisse a Madre a ir até Paris. A Rainha enviou uma de suas liteiras para que a conduzissem. Em 4 de outubro de 1641, Madre de Chantal chegava à capital da França.

A estada em Paris

A Rainha foi a seu encontro e conduziu-a a seu gabinete dizendo em voz alta: “Quero, minha Mãe, conversar longamente convosco, para minha consolação e receber vossos conselhos”. A conversa durou duas horas.

Durante sua permanência em Paris, a Madre foi procurada por inúmeras pessoas, tanto homens como mulheres. E não eram visitas curiosas, pois traziam uma imensidão de assuntos a tratar.

Dado o grande número de pessoas, de todas as partes, que vinha consultá-la e para que nada se subtraísse do tempo que, segundo a Regra, ela devia a Deus, levantava-se entre as três ou quatro horas da manhã.

O extremo fervor e enorme zelo de seu espírito não lhe permitiam recusar trabalho algum, levando-a a fazer tais sacrifícios por Nosso Senhor.

Último encontro de Madre Chantal com São Vicente de Paulo

Um grande encontro marcou sua delonga em Paris: voltou a ver São Vicente de Paulo, que ocupara um importantíssimo lugar em sua vida, desde a morte de São Francisco de Sales.

Conhecera-o em 1619. Padre Vicente era então ignorado, conquanto frequentasse a casa do Petit Bourbon

onde o Senhor de Bérulle acabara de fundar a congregação do Oratório.

Francisco de Sales percebeu, de imediato, o quanto escondia de amor a Deus e de caridade para com os pobres sob a rusticidade daquele modesto sacerdote. Em vista disso, confiou-lhe a direção espiritual das filhas da Visitação de Paris. Madre de Chantal era precisamente a superiora e teve de falar muitas vezes com Padre Vicente.

Quando Joana deixou Paris, passaram a escrever-se com frequência. Nessas cartas, constatava-se que Madre de Chantal se dirigia a ele com toda a confiança. “*O Senhor Vicente é*”, dizia ela, “*um homem raro, de grande e sólida virtude*”. Um e outro tinham longa e profunda experiência das coisas de Deus. Possuíam, portanto, muito o que falar, muita confiança a fazer.

Regresso a Moulins

Ao deixar Paris, ao despedir-se de suas Filhas da Visitação, disse-lhes: “*Adeus, minhas filhas, até a eternidade*”.

Em Nevers, deu novamente belo exemplo de fidelidade à Regra e ao espírito do Instituto. Sentia-se mal, contudo ninguém podia demovê-la de se levantar às cinco e meia para fazer sua oração com a comunidade. “*Devemos querer sempre aquilo que Deus quer e morrer*

quando lhe aprouver". As irmãs cuidavam em servi-la e trazer-lhe algumas iguarias: "*Não, não*", replicava ela, "*deixai isso. Pobreza, humildade, simplicidade. São essas as nossas regras!*". E não cessava de exortá-las ao amor mútuo e à união pela fidelidade à Regra.

A morte de Madre de Chantal

Madre de Chantal regressou de Nevers para Moulins nos primeiros dias de dezembro de 1641. Mal chegou, teve sinais de que estava em seu ocaso e que tinha de se deitar em seu leito de morte. Há mais de quarenta anos que a esperava a pé firme, mediante a prática de todas as virtudes, mas ainda queria se preparar melhor.

Para isso, no sábado, 7 de dezembro, embora estivesse muito cansada e oprimida, dirigiu-se ao refeitório na hora da refeição e, de joelhos, com os braços em cruz, repetiu duas vezes, as seguintes palavras: "*Mater Dei, mementum mei!*". Depois acrescentou em francês: "*Ó Santíssima Mãe de Deus! Pela vossa Imaculada Conceição, lembrai-vos de me assistir sempre, de modo especial na hora de minha morte!*".

No dia seguinte, na hora da Santa Missa, embora dominada pela febre que a fazia tremer de frio, quis ficar até o fim, apesar de insistirem com ela para ir deitar-se.

Mal terminou a Santa Missa, foi preciso levá-la para a cama. O médico, que fora imediatamente chamado, declarou ser muito grave o estado da venerável serva de Deus. Expuseram logo o Santíssimo Sacramento. As comunidades da cidade se puseram em oração. A Senhora de Montmorency ofereceu sua vida em favor da sua saúde, e as outras irmãs assim também o fizeram.

No entanto seu estado agravava-se de momento a momento. No dia 12 de dezembro, pela manhã, trouxeram-lhe o Santo Viático. Foi então que diante do Santíssimo Sacramento, apesar da opressão e da fraqueza a que a tinha reduzido uma febre ardente e contínua, elevou a voz e, com a palavra viva e forte, exclamou: *“Creio firmemente que o meu Senhor Jesus Cristo está no Santíssimo Sacramento do altar; sempre o acreditei e confessei, aí O adoro e reconheço como meu Deus, meu Criador, meu Salvador e meu Redentor, que me resgatou com o seu precioso sangue; daria de bom grado a minha vida por esta fé, mas disso não sou digna; confesso que só espero a minha salvação por sua única misericórdia”*.

Durante toda a noite de sexta-feira, Padre Lingendes permaneceu junto dela. Foi a ele que Madre de Chantal confidenciou que Deus lhe concedeu um estado de repouso, de simplicidade e de confiança na Sua bondade, para nada desejar que não fosse do Seu agrado. *“Nada pedir e nada recusar”*. O Padre a confirmou na sua paz.

A agonia foi longa, dando tempo ao Padre de repetir, várias vezes, as orações de recomendação da alma, ora em latim, ora em francês. A certa altura, a Madre gritou: “*Jesus, como são belas estas orações!*”.

Tendo entrado a comunidade, a Madre lhe fez uma última exortação, terminando com estas palavras: “*Verdadeira união de corações*”. E as repetiu várias vezes.

Depois dessa última exortação, as irmãs se retiraram. Contudo fizeram-nas entrar de novo, porque chegara o fim. A Madre tomou, então, na mão direita, o crucifixo e, na esquerda, a vela benta para ir, nessa atitude, ao encontro de seu Amado.

Padre Lingendes disse-lhe que aquelas grandes dores que ela sentia eram os clamores que precediam a chegada do Esposo. Perguntou-lhe se ela não queria ir ter com Ele. “*Sim, meu Pai*”, replicou distintamente. Vou partir. Jesus! Jesus! Jesus! Com essas três palavras de vida e três suspiros de amor, morreu para começar a viver a verdadeira Vida, com Jesus na Glória.

Quando, ainda agonizante, alguém disse a Madre de Chantal: “Não esperais que vosso bem-aventurado Pai Francisco de Sales venha ao vosso encontro? – “*Sim*”, respondeu ela, “*porque ele me (sic) prometeu*”. E não se enganou.

No momento em que a Santa exalou o último suspiro, São Francisco de Sales desceu do céu e recebeu-a, conduzindo-a ao Paraíso. E quis Deus que São Vicente de Paulo, que conhecia e amava muito a ambos, assistisse a seu misterioso encontro. Eis sua própria narração:

“Não tenho a menor dúvida de que Deus manifeste um dia claramente a santidade da Madre de Chantal. Vou narrar o que sucedeu a uma pessoa digna de crédito, porque eu sei que ela preferiria antes morrer a faltar a verdade (É de si que ele fala). Como esta pessoa tivesse tido notícia do gravíssimo estado da venerável fundadora, ajoelhou-se para a encomendar a Deus quando (sic) de repente, viu um globozinho de fogo que surgia da terra (sic) elevava-se às regiões superiores e ali unia a um outro globo, formando um só que foi confundir-se e como que perder-se nos esplendores de outro globo mais luminoso”.

“Simultaneamente ouvia uma voz interior dizer-lhe que o primeiro globo era a alma da nossa digna Madre; o segundo, a do bem-aventurado Pai; e o terceiro, a divina essência ao qual ambos se haviam abismado”.

Alguns dias depois, a mesma pessoa, um sacerdote, celebrando o Santo Sacrifício da Missa pela nossa digna Mãe, logo que soube do (sic) seu falecimento, viu de novo os mesmos globos e assistiu a

mesma união ou fusão. “Desde então não teve mais dúvidas do estado bem-aventurado daquela alma”.

Santa Joana Francisca de Chantal faleceu no dia 13 de dezembro de 1641, às vésperas de completar 70 anos de idade. Em 1751 foi beatificada pelo Papa Bento XIV e em 16 de julho de 1767, canonizada por Clemente XIII.

BIBLIOGRAFIA

Bougaud MGR> História de Santa Chantal e das origens da Visitação - tradução em português - PORTO (Portugal)

Correspondências de Santa Chantal, edição crítica do Centro de Estudos Franco-Italiano das universidades de Turim e da Saboia. - 1986

Título original: Jeanne Françoise Fremiot de Chantal sa race et sa grace

Ravier André Santa Joana de Chantal Fundadora da Visitação - Coimbra, 24 de janeiro de 2013

Chaugy Françoise-Madeleine. Memórias sobre a vida e as virtudes de Santa Joana Francisca Fremiot de Chantal

Redação e responsabilidade:

Irmãs da Visitação de Santa Maria
Rua Rosina Apolinário, 170
Caixa Postal 1095
Bairro Caminho Novo
36200-970 Barbacena, Minas Gerais, Brasil

e-mail: mostbarbacena@gmail.com ou
mostbarbacena@hotmail.com

No Brasil, são três os mosteiros da Ordem da Visitação de Santa Maria:

Mosteiro da Visitação de Santa Maria
 Rua Dona Inácia Uchôa, 208- Vila Mariana
 04110-020 SÃO PAULO SP
 @ mosteiro@vsm.org.br ou @ vsm@vsm.org.br

Mosteiro da Visitação de Santa Maria
 Rua 122 N.170 Praça da Matriz
 88915.000 MARACAJA. S.C.
mosteiromaracaja@vsm.org.br

Em Portugal temos três mosteiros da Ordem da Visitação de Santa Maria:

Faniqueira
 2440-412 BATALHA
 ☎ 244 765 160
 📠 244 767 453
 @ mosteiro.batalha@ordemdavisitacao.com

Rua Irmãos Roby, 190
 4700-226 BRAGA
 ☎ 253 201 780
 📠 253 201 781
 @ mosteiro.braga@ordemdavisitacao.com

Rua da Visitação, 533
 4795-125 VILA DAS AVES
 ☎ 351 252 941 170
 📠 351 252 875 656
 @ mosteiro.aves@ordemdavisitacao.com @
visitacaoaves@sapo.pt

ÍNDICE

Página:

<i>Prefácio</i>	4
<i>Introdução</i>	7
<i>Por todos estados de vida</i>	8
<i>Digna filha de um pai exemplar</i>	10
<i>Provações e alegrias maternais</i>	12
<i>Em busca de um guia espiritual</i>	14
<i>Um “noviciado” inesperado</i>	14
<i>Primeiro encontro com o Diretor enviado por Deus</i>	16
<i>Ainda inconsolável pela morte do esposo</i>	17
<i>Sabedoria do Santo, diretor da Senhora de Chantal</i> ...	19
<i>A grande revelação</i>	21
<i>Os caminhos da Providência na fundação do novo Instituto</i>	22
<i>A pedra fundamental do novo Instituto</i>	23
<i>Inícios da nova Congregação</i>	27
<i>A prática de todas as virtudes na Madre de Chantal</i> ..	27

<i>Atuação de Francisco na comunidade nascente</i>	<i>30</i>
<i>O exterior da caridade</i>	<i>33</i>
<i>As duas presenças de um coração maternal</i>	<i>34</i>
<i>Uma prece atendida</i>	<i>35</i>
<i>A Visitação na França em direção à vida monástica claustal</i>	<i>37</i>
<i>Uma mudança considerável?</i>	<i>38</i>
<i>A oferenda sacrificial da amizade</i>	<i>40</i>
<i>O músico surdo</i>	<i>42</i>
<i>Aprendendo com o sofrimento</i>	<i>43</i>
<i>A Madre de Chantal às portas da morte</i>	<i>45</i>
<i>Fundadora da Visitação</i>	<i>46</i>
<i>O regresso do corpo de Francisco de Sales a Annecy.....</i>	<i>48</i>
<i>A herança</i>	<i>50</i>
<i>Trabalhos para levar a seu termo a obra de São Francisco de Sales</i>	<i>51</i>
<i>A Madre de Chantal ajusta sua conduta à Lei comum.....</i>	<i>52</i>

<i>A Assembleia do Pentecostes de 1624</i>	55
<i>Dotada de solicitude infatigável</i>	57
<i>O Monte Calvário</i>	58
<i>Vinte e cinco anos depois</i>	60
<i>Visita a vários mosteiros</i>	63
<i>As tentações de Madre de Chantal</i>	64
<i>Seu abandono a Deus e a Santa Providência</i>	68
<i>O “martírio de amor”</i>	70
<i>4 de agosto de 1632: abertura do túmulo de São Francisco de Sales</i>	73
<i>As fundações se multiplicam</i>	74
<i>Último triênio de Madre de Chantal</i>	78
<i>O ano de 1640</i>	78
<i>Novamente pelos caminhos de França</i>	81
<i>A estada em Paris</i>	84
<i>Último encontro de Madre Chantal com São Vicente de Paulo</i>	84
<i>Regresso a Moulins</i>	85

<i>A morte de Madre de Chantal</i>	86
<i>Bibliografia</i>	91
<i>Índice</i>	93